

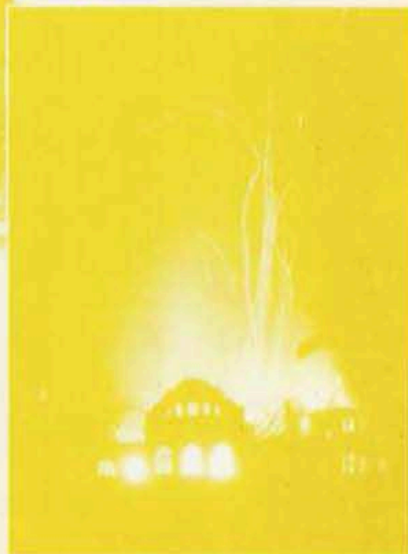
# BLUMENAU

*em Cadernos*



FUNDAÇÃO  
CULTURAL  
DE BLUMENAU  
25 ANOS

TOMO XXXVIII  
ABRIL DE  
1997 - No. 4



BLUMENAU  
EM CADERNOS

**40 ANOS**

1957 - 1997

# BLUMENAU

*em Cadernos*

**Fundação Cultural de Blumenau**  
Bráulio Maria Schloegel  
*Presidente*

**Diretoria Administrativo-Financeira**  
Maria Teresinha Heimann

**Diretoria Histórico-Museológica**  
Sueli Maria Vanzuita Petry

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
*Biblioteca Pública "Dr. Fritz Müller"*

Blumenau em Cadernos. (Fundação Cultural de  
Blumenau) Blumenau, SC, 1 (11) 1957 -  
il.  
Mensal

**FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU**

**Arquivo Histórico “José Ferreira da Silva”**



**BLUMENAU**

COPYRIGHT © 1997 by Fundação Cultural de Blumenau

### **CAPA**

*Projeto Gráfico:* Gilberto da Silva Santos  
Prefeitura Antiga de Blumenau. Em primeiro plano, a antiga  
fachada de 1875, projetada por Henrique Krohberger.

No centro, prédio ampliado (1939).

O incêndio em 1958, que destruiu parte do prédio  
(Foto de Alfredo Wilhelm)

Acervo: Arquivo Histórico "José Ferreira da Silva"

### **DIREÇÃO**

Sueli M. V. Petry

### **CONSELHO EDITORIAL**

Alda Niemeyer, Cristina Ferreira, Niels Deeke,  
Sálvio Alexandre Müller, Tadeu C. Mikowski

### **APOIO TÉCNICO**

Maria Teresinha Heimann, Gilberto da Silva Santos

### **DIAGRAMAÇÃO/EDITORIAÇÃO**

Cristina Ferreira

### **PRODUÇÃO GRÁFICA**

Nova Letra Editoração e Impressão Ltda  
Av. Brasil, 742 - Ponta Aguda - Fone/Fax (047) 326-0600  
Cep 89050-000 - Blumenau - SC

### **REPRODUÇÃO FOTOGRÁFICA**

Rogério Pires

## SUMÁRIO

Fundação Cultural de Blumenau: 25 Anos <i>Bráulio Maria Schloegel</i> .....	07
Um Capítulo da História Brasileira: Santa Catarina, tradição e atualidade à luz dos Antigos Planos Imperiais <i>Maria Luiza Renaux</i> .....	10
A Migração de Alemães para o Vale do Itajaí (1838-1850): Processo In- formal de Ocupação de Terras <i>André Fabiano Voigt</i> .....	20
A Criatura <i>Niels Deeke</i> .....	27
Código de Posturas da Câmara Municipal da Villa de Blumenau .....	34
Carta do Imigrante Franz Sallentien - 1855 <i>Franz Sallentien</i> .....	45
Memórias / Geraldo Luz / Variadas <i>Enéas Athanázio</i> .....	52
Duas Blumenauensidades Desaparecidas <i>Theobaldo Costa Jamundá</i> .....	55



**Fundação  
Cultural de  
Blumenau:  
25 Anos\***

Texto:

*Professor  
BRÁULIO  
MARIA  
SCHLOEGEL\*\**



Só conhece a dimensão da **Fundação Cultural de Blumenau** quem trabalha ou já trabalhou nela. Por isso as comemorações dos seus 25 anos são o momento de retratar o grande esforço feito, e mostrar ao público tudo o que lhe pode oferecer na área cultural.

A **Fundação Cultural de Blumenau** tem um papel destacado na gestão municipal. A prática cultural é política. A área cultural não pode ter medo de politizar-se, de discutir política, de traçar política pública para si.

A tarefa é a consolidação definitiva da **Fundação Cultural de Blumenau** como órgão responsável pela ação cultural da cidade.

“É tempo de fazer perguntas. Quando a Fundação completa 25 anos de existência é certamente o primeiro momento para se fazer uma avaliação sobre o seu papel na vida cultural da cidade.

Falar sobre a história da Fundação Cultural de Blumenau é como empreender um mergulho na vida da cidade. É tentar desvendar a que veio um órgão oficial de cultura e quem eram, o que faziam e que sonhos tinham aqueles habitantes que encerraram a década de 60.

O ponto de partida foi a Sociedade dos Amigos de Blumenau, seguida de perto por outros acontecimentos na vida de Blumenau, a Universidade, a Feira de Amostras a FAMOSC, o Turismo.

A Fundação Cultural de Blumenau foi criada oficialmente em 7 de abril de 1972 com a denominação de Fundação Casa Dr. Blumenau, e passou a assumir a animação da cidade, até então promovida

\*) Discurso pronunciado no dia 16 de abril de 1997, por ocasião da cerimônia comemorativa aos 25 anos de criação da Fundação Cultural de Blumenau.

\*\*) Presidente da Fundação Cultural de Blumenau.



pela Biblioteca Pública Municipal Dr. Fritz Müller, dirigida pelo Professor José Ferreira da Silva.

Hoje, 25 anos depois, a Fundação Cultural de Blumenau é uma organização dinâmica e mutante como a própria cidade, buscando o nem sempre fácil equilíbrio entre dar espaço às manifestações locais e acessar à população o que de importante se produz no resto do país e pelo mundo afora.



**Fundação Cultural de Blumenau**

Cada gestão desenvolveu um estilo próprio, do presidente e sua diretoria, além dos Conselheiros. Até agora, foram sete presidentes sendo que três são ausências sentidas: José Ferreira da Silva, Federico Carlos Allende e Elke Hering.

Com a nova administração, outra proposta surge, que é de pôr em prática uma política de democratização da cultura da cidade. Proposta que vem desde o período da redemocratização do Brasil. Proposta nascida de um grupo grande de pessoas que, unidas no amplo espectro da democratização, propunham novas políticas e organizavam lutas contra a censura, a repressão e o autoritarismo.

Democracia entendida como o abrir portas dos equipamentos e espaços públicos.

A diversidade cultural no que diz respeito a entender que não existe uma cultura única, universalmente válida.

Entender que na sociedade, ainda que no espaço limitado de uma cidade, brotam culturas diversas, formas de expressões múltiplas, gostos, saberes, emoções, poderes, que por serem diferentes formam maneiras diferentes, culturas diferentes. O não entendimento disto na comunidade gera intolerância, tensão e violência.

A valorização da cultura local é o encontro da democracia com a diversidade cultural. Valorizar não é atribuir valor ao que não tem, mas reconhecer o valor escondido, visível aos olhos autoritários, desconhecidos, às vezes até mesmo de seus portadores, portanto, é desvendá-los.

Em vez dos conhecidos verbos universais, conservar, guardar e proteger, sejam em Blumenau conjugados como promover, estimular, desenvolver e arriscar.

Faz também com que a concepção política tradicional de levar cultura aos bairros, seja radicalmente transformada em reconhecer como verdadeira e boa a cultura existente nos bairros. Exige o rompimento de uma tradição de órgão cultural ser meio promotor de eventos, para fazê-lo reconhecedor e incentivador da produção cultural local.

Um órgão cultural que entende as manifestações da cultura popular como acervo público, protegendo-o e incentivando-o .

Esta proposta significa o fim de padrões culturais pré-estabelecidos, significa democratizar espaços públicos, significa o encolhimento das decisões do aparelho do estado para o fortalecimento das decisões da própria população. Significa entender a arte como uma das manifestações da cultura, mas promover a todas.

A teoria aqui descrita é simples. Colocá-la em prática, porém, na cidade de Blumenau, é um imenso desafio que nos aguarda. Nossa equipe está consciente, discutindo permanentemente todas estas questões.

Ela sabe que tudo isso é possível e pode acontecer, pois a nova administração municipal reconhece que a cultura tem papel de destaque no governo. Tanto que a elegeu como uma das suas marcas.

Me tocou a tarefa de coordenar uma maravilhosa equipe que pensa ser possível, aqui e agora, realizar o sonho de um povo reencontrar nas pedras da sua cidade o som e a cor que lhes toca o coração.

Me tocou a tarefa de dirigir essa experiência que nos enche de orgulho. Que a Fundação Cultural de Blumenau seja o campo fértil para esta proposta germinar e florescer e o povo possa ser feliz, que se respeite, se cante e se ame Blumenau.”

## **História & Historiografia**

### **Um Capítulo da História Brasileira: Santa Catarina, tradição e atualidade à luz dos antigos planos imperiais**

Texto:

*Professora*  
**MARIA LUIZA  
RENAUX\***



Como colônia de Portugal, o Brasil foi dividido em capitanias hereditárias (divisões administrativas pertencentes à Coroa portuguesa, mas administradas com recursos pessoais dos donatários a quem se fez o legado) e, dentro dessa condição, administrado de norte a sul. Santa Catarina e o Rio Grande do Sul pertenceram momentaneamente à capitania de São Paulo e não fugiam à regra geral portuguesa de ocupação das terras do litoral, pelo menos até que se descobrisse uma riqueza imediata feito o ouro. Como isso de pronto não aconteceu, foi na plantação da cana de açúcar que se encontrou possibilidade de riqueza. Assim se inaugurou o "plantation system" no país e com ele os grandes latifúndios monocultores (cana-de-açúcar, algodão, café) e a economia escravagista. Uma vez que o sul se ligava a São Paulo, Santa Catarina tornou-se lugar de passagem dos bandeirantes paulistas que, justamente vinham para as terras meridionais em busca de indígenas e de gado para servir às lavras recém-descobertas de Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás.

Foram esses bandeirantes que fundaram os primeiros três núcleos de povoamento catarinense na costa, São Francisco (porto que hoje atende à exportação da produção industrial da maior cidade catarinense, Joinville), Desterro (na época o posto mais avançado da soberania portuguesa na América do Sul) e mais adiante, Laguna, e no planalto, Lages. Desse último ponto as bandeiras paulistas chegavam aos pampas no Rio Grande do Sul, onde também dominava a economia fazendeira, dessa vez assentada sobre a criação de cavalos e de gado. Sobre esses primeiros núcleos de povoamento o rei de Portugal, então residente no Brasil, D. João VI, despejou a experiência portuguesa acumulada nos Açores e na Madeira, mandando vir para cá pequenos agricultores, cultivadores de trigo e de uva. Aqui esses ilhéus deveriam produzir alimentos

\*) Doutora em História (USP) e professora de História Antiga da FURB.

e, junto, garantir a ocupação das terras sulinas cobiçadas pelos espanhóis - o limite das fronteiras entre Portugal e Espanha ainda não era seguro na área do Rio da Prata. Madeirenses e açorianos logo sucumbiram ao modelo dos esparsos habitantes locais, de viver de pesca e de farinha e de render-se ao bom clima da terra. Mandioca era o que plantavam [exceto no Rio Grande do Sul onde continuaram a plantar trigo] e farinha, nada mais que farinha com peixe sendo o seu prato diário. Sobre essa circunstância escreveu um pastor luterano que se encontrava em Santa Catarina: "(...) *Num canto está pendurada uma panela onde, de 1º de janeiro até 31 de dezembro é preparada a papa de farinha de mandioca e, como complemento, peixe seco ao sol (bagre)(...)*".<sup>1</sup>

Veio então, a independência do Brasil. O novo governo, tendo à cabeça D. Pedro I de Bourbon e Bragança e Dona Leopoldina de Habsburgo, da casa reinante da Áustria, tratou de garantir-se no poder angariando soldados e colonos estrangeiros para formar no país um estrato médio entre a população escrava e os grandes proprietários de terras que, politicamente, ainda davam seu apoio à Coroa portuguesa. Encarregado de introduzir um tipo de gente culturalmente nova no Brasil foi o secretário particular de Dona Leopoldina, Major Jorge Antônio von Schaeffer, graças à boa experiência de colonização que os austríacos desenvolveram em suas terras, limítrofes com as dos cossacos. Entre soldados então, vieram colonos de língua alemã para se estabelecerem definitivamente no Brasil. A primeira colônia alemã em terras brasileiras foi São Leopoldo, no Vale do rio dos Sinos, Rio Grande do Sul, fundada em 1824 - início da colonização germânica no Brasil. Em Santa Catarina, cinco anos depois, foi fundada a colônia de São Pedro de Alcântara, próxima à capital, Desterro. Não é que os fundadores das duas colônias, São Leopoldo e São Pedro de Alcântara fossem os primeiros alemães a se estabelecerem no Brasil. Uma série deles veio ao Nordeste já no século XVI. Mas, como sempre se tratava de elementos isolados, facilmente adotaram o modo de vida brasileiro, isto é, tornaram-se grandes proprietários de terras e abasileiraram seus nomes. Assim, Arsing tornou-se Arzão, Tack, Taques, Betting, Betim e até Schmidt transformou-se em Ferreira. Mais tarde essa tendência de "abasileirar-se" pela posse de terra foi sanada pelo governo imperial que proibiu fossem vendidas mais de 10% dos lotes a um mesmo proprietário nas áreas de colonização germânica. Voltando à fundação de colônias no sul, é que ainda não havia núcleos de povoamento entre Lages, no planalto, área de criação de gado e de campos na passagem para o Rio Grande e o litoral. Apenas índios xokleng, pertencentes ao grupo lingüísti-

---

<sup>1</sup> STUTZER, Gustav. *O Vale do Itajaí e o município de Blumenau 1886 - 1891*. Arquivo Histórico José F. da Silva. Pasta Família Stutzer, p. 8/9.

co dos gê vagavam naquele ermo. Para fundar colônias aí, desenterrou-se um projeto militar antigo, do século XVIII, que visava a defesa das províncias sulinas contra os espanhóis.

São Pedro de Alcântara, onde foram assentados 625 alemães, revelou-se logo lugar impróprio para a agricultura - sua terras eram montanhosas e pouco férteis e não havia nenhum rio navegável para a comunicação da área com um porto marítimo. No começo os colonos receberam subsídios do governo para instalar-se, tais como, lotes de terra e instrumentos agrícolas; apenas a promessa de uma diária de 160 Réis por cabeça até a primeira colheita foi cumprida muito irregularmente. Positivo também foi o fato desses estrangeiros receberem garantia para a profissão de sua fé religiosa e a cidadania brasileira após quatro anos de moradia no país, já que perderam a sua própria ao deixarem a pátria. Sobre sua situação material difícil porém, veio pesar a nova lei de colonização (1830) defendida pelos grandes plantadores paulistas principalmente, que retirava do governo imperial a responsabilidade com a fundação de colônias, passando-a para o âmbito dos governos provinciais. Foi aí que Santa Catarina tornou-se o "laboratório da colonização no Brasil". Nessa experiência, por iniciativa do governo da Província catarinense foram fundados dois novos núcleos de povoamento, dessa vez às margens do rio Itajaí, bem próximos à sua foz, Belchior e Pocinho. Uma vez que companhias particulares também receberam o direito de fundar colônias, no Vale do Itajaí, em 1846 foi fundada a Colônia Belga, hoje Ilhota, com 90 imigrantes daquela origem. Mas tanto os belgas como os franceses que mais tarde se assentaram na hinterlândia da colônia Brusque, não se prestaram à colonização, por serem elementos pouco estáveis e as duas colônias não passaram de experiências mal sucedidas. E, como São Pedro de Alcântara também não dera certo, a maioria dos habitantes saiu de lá e subiu o Itajaí. As terras em torno da foz do rio estavam todas ocupadas por fazendeiros brasileiros, plantadores de cana, que se mostraram dispostos a vender algumas de suas propriedades.

A partir de Gaspar então, estabeleceram-se famílias alemãs e, bem em frente à Blumenau, na última grande curva do rio, pertencente ao núcleo Belchior, assentou-se a família do colono Peter Wagner, natural de Byrbach, Saarbrücken, Alemanha. Como a área que incluía sua propriedade depois fez parte da colônia Blumenau, Pedro Wagner é chamado de "O Pioneiro" na cidade e seus filhos, ao todo 24, foram o tronco das famílias mais antigas da região, já que as moças, todas elas, casaram-se com os novos imigrantes que foram chegando ao lugar. Essa a origem dos nomes Hering, Moellmann, Altenburg, Brueckeimer, Renaux, Baumgarten, Prossmann, Butzke, Kaestner, tradicionais na região.



**Peter Wagner e o início da colonização no Vale do Itajaí**

Finalmente, chegou a vez do Dr. Blumenau. Hermann Bruno Otto Blumenau integrava-se perfeitamente nos planos do governo imperial brasileiro, que se mantinham os mesmos com relação aos interesses na colonização. Resta saber que o novo imperador, Pedro II, filho de Leopoldina de Habsburgo, que governou o Brasil durante quarenta e nove anos, era muito afim com a cultura alemã e o alemão era sua língua materna. Luta do seu governo, continuava enfrentar os fazendeiros paulistas, que não queriam a divisão das terras brasileiras em pequenas propriedades. Mas o Brasil continuava a comer mal, exceto em São Paulo que tinha já outra tradição (a indígena, por exemplo) e que nesse momento, já contava com os imigrantes italianos. Pelo menos nessa Província se consumia a proteína da carne, o trigo, o milho, o feijão, a mandioca, pertencentes ao cardápio bandeirante. Porém, nos latifúndios do Nordeste, onde existia a monocultura, não se comia ovos, leite e vegetais, muito menos cereais e proteínas; difícil mesmo era conseguir uma galinha quando vinha visita ou para os dias de festa! Que comia essa gente? Abusavam de peixe, intercalavam-no com carnes salgadas e de resto, não se via outro tipo de carne que servisse. *“Nem carne de vaca, nem de carneiro, nem mesmo de galinha. Nem frutas,*

*nem legumes: legumes eram raros e frutos, só bichados ou ainda colhidos verdes*", assim descreveu o sociólogo Gilberto Freire os costumes alimentares nordestinos. Vacas leiteiras havia poucas nos engenhos, daí não se fabricarem nem queijo, nem manteiga. Do ponto de vista da nutrição, os mais bem alimentados da sociedade patriarcal eram os negros que, afinal, absorveram investimento. Não só trouxeram cozinha mais variada em vegetais, mas os fazendeiros lhes proviam de abundância de milho, toucinho e feijão. E ainda hoje pode-se observar: os pretos no Brasil são muito bem formados, isso prova que não degeneraram por falta de alimentos e as mulatas são as grandes beldades do carnaval brasileiro!

Assim se compreende a preocupação imperial em alimentar o Brasil. Quanto à escolha de imigrantes capazes de preencher essa lacuna tanto por seus hábitos, quanto por representarem novo tipo de mão de obra, pensou-se nos alemães que, de seu lado, também se interessaram pelo negócio da imigração. A Alemanha era o maior parceiro comercial do Brasil. No negócio do café, a balança comercial chegou a estar favorável ao Brasil em 16 milhões de marcos. Do ponto de vista alemão, solução foi enviar os navios, que vinham vazios buscar os carregamentos de café, repletos de imigrantes para a América do Sul. A imigração alemã estava em voga, dera certo nos Estados Unidos, o que a "intelligentsia" brasileira, preocupada com o "branqueamento da população", reconheceu. Nos motivos apresentados pelo ministro das relações exteriores brasileiro, Miguel Calmon du'Pin e Almeida, que esteve em 1846 em missão brasileira em Berlim, consta o que realçava nos alemães:

*"A aptidão dos colonos alemães para o trabalho da agricultura e para os ofícios e artes, e o seu espírito pacífico e conservador acham-se provados por testemunhos os mais autênticos. Em mensagens dos presidentes dos Estados Unidos, principal teatro da colonização moderna, tem-se feito o elogio da moralidade dos alemães e do seu préstimo para a colonização [...]. Amor ao trabalho e à família, sobriedade, resignação, respeito às autoridades são as qualidades que distinguem os colonos alemães em geral, dos colonos de outras origens".*<sup>2</sup>

Licença brasileira fôra dada na época, como visto, para companhias particulares de colonização também atuarem no Brasil. Em Hamburgo foi fundada

---

<sup>2</sup> RENAUX. Maria Luiza. *O Papel da Mulher no Vale do Itajaí 1850-1950*. Blumenau: Ed. da FURB, 1995, p. 39.

a Sociedade Brasileira de Proteção ao Imigrante Alemão no Sul do Brasil (1846). O encarregado a vir para cá, em nome da sociedade, foi Hermann Otto Blumenau. Estímulo maior parece ter sido para ele a atmosfera em voga na Alemanha da época, quando intelectuais assumiram a burocracia do Kaiser Guilherme I, e os naturalistas, em decorrência da valorização dos estudos científicos, se sentiram atraídos pelos países exóticos. Por outro lado, a disputa colonialista, na qual a Alemanha entrara tarde em relação a outros países, levou-a a desenvolver estratégias próprias para competir.

Por fim: Hermann Bruno Otto Blumenau, formado em 1846 na Universidade de Erlangen onde recebeu o título de doutor em Filosofia defendendo tese sobre alcalóides, trazia um projeto moderno de colonização, voltado para o mercado. Interessante é que no começo Blumenau também pensou numa *"atividade de fazenda"*, ao que se sabe, para produzir açúcar. Os preços porém, alcançados pelos plantadores brasileiros, à base de mão de obra escrava eram mais baixos e foi impossível concorrer com eles. Um incidente igualmente, fê-lo desistir da idéia. Na sua intenção de beneficiar cana de açúcar, comprou equipamentos de engenho numa fazenda do Rio de Janeiro, onde várias delas se dissolviam em função do processo de abolição da escravatura, então em curso. Na costa de Santa Catarina porém, um navio inglês, no controle do comércio ilegal de escravos, cujos direitos a Inglaterra se reservava, rebocou justamente o navio onde se encontrava a aquisição do Dr. Blumenau, até a ilha de Santa Helena, no Atlântico, perdendo ele o investimento que fizera, fruto praticamente, de todas as suas economias. Optou então pela divisão de suas terras em lotes coloniais e a venda dos mesmos aos 17 colonos alemães que já se encontravam trabalhando em sua propriedade há dois anos, mediante pagamento de salário.

Foi assim que nasceu a colônia Blumenau. A mesma origem teve a colônia Dona Francisca, depois Joinville, dote da princesa Francisca Carolina, casada com o filho do Imperador francês Louis Philippe D'Orléans, Francisco Ferdinando, príncipe de Joinville, fundada por uma sociedade hamburguesa de armadores, encabeçada pelo senador Christian Mattias Schroeder. Outra colônia fundada no Vale do Itajaí, desta vez pelo governo catarinense, foi Brusque, junto ao Itajaí Pequeno, Itajaí-Mirim, recebendo o nome do seu fundador, o Presidente da Província de Santa Catarina, Francisco Carlos de Araújo Brusque.

O modelo de exploração econômica em todas essas colônias [e seguiu-se a fundação de outras no Vale do Itajaí] foi o da pequena propriedade policultora explorada por mão de obra familiar. A produção foi a adequada à terra local, milho, feijão, arroz, aipim, tabaco. Em Blumenau, condição imposta pelo fundador à entrada de imigrantes concorde com os planos imperiais é que todos



começassem a vida como colonos e, figuras das mais diferentes origens e profissões tiveram que submeter-se a essa determinação. Somente mais tarde, quando as propriedades começaram a produzir e um excedente se formou em todas elas, representantes das pequenas profissões - artesãos, marceneiros, ferreiros, veterinários, farmacêuticos e até médicos puderam instalar-se nas colônias, representando seu primeiro mercado. Cedo esse mercado atingiria o Brasil (tal como previra o Império) pois, a área de "plantation", como se viu, não sabia produzir para comer [prova disso é que uma das principais exportações do Vale do Itajaí fosse a manteiga e o toucinho. É que aqui, além da experiência e costumes que traziam, os colonos de alguma forma tinham assistência racional no seu trabalho, uma vez que o Dr. Blumenau e outros antigos moradores da colônia haviam se encarregado da fundação de um (Agri)Kulturverein, Sociedade de (Agri)Cultura, para testes e seleção de sementes, importação de reprodutores para melhoria do gado, discussão da produção mais adequada à colônia como um todo, o que no mais, era regra nas colônias alemãs]. A procura, tanto para a produção agrícola, quanto para os pequenos serviços cresceu sobretudo quando se iniciou a imigração italiana para o Brasil, em 1875 e, durante três anos seguidos imigrantes dessa origem se instalaram na hinterlândia de Blumenau e Brusque. Somente quando essa situação se estabilizou, isto é, quando também as propriedades mais novas começaram a produzir é que se procurou saída para o que não podia mais ser consumido localmente e exigia a exportação. Criou-se então em Blumenau, a "Cia. de Navegação Fluvial" e comprou-se um navio que recebeu o sugestivo nome de "Progresso", para levar a produção colonial até o porto em Itajaí. [Como informação à parte, entre os sócios, consta a assinatura de todos os principais nomes da cidade e gerente foi nomeada uma mulher, ao mesmo tempo fundadora do primeiro teatro em Blumenau, onde os estrangeiros tinham oportunidade de reviver a cultura pátria e matar as saudades. Compreenda-se que só se falava alemão em Blumenau e Brusque, e que os alemães viviam isolados na floresta e separados dos brasileiros também pela sua língua, e pela religião que professavam, o luteranismo].

Com as exportações, de fato formou-se um excedente econômico na região e esse soube ser aproveitado por imigrantes mais tardios, vindos de uma Alemanha em plena industrialização. Os fundadores das primeiras indústrias têxteis do Vale do Itajaí foram alemães e protestantes, em Blumenau provenientes sobretudo da Saxônia, em Brusque, de Baden. As primeiras indústrias criadas no Vale do Itajaí foram Hering (1880), Karsten (1882), Garcia/Artex (1885), Renaux (1892), Buettner (1898), Schlöesser (1911).

Os interesses econômicos das duas colônias deram contornos bem especiais a elas, diferentes das cidades lusas que se iniciavam pela construção da

igreja e da praça. “Antigo mapa de Blumenau mostra a tendência da cidade em se estender pelas baixadas, ao longo dos caminhos por onde chegavam os agricultores. Era a função comercial que dirigia o plano. Este, desenvolvido de maneira mais lógica para aquela população, era projetado e locado pelo agrimensor alemão que dirigia os serviços técnicos do núcleo. Nesse plano não há lugar de realce para a igreja. Aquela população protestante - ainda em 1854, a colônia contava com 248 luteranos e somente 5 católicos - edificara o templo em local afastado da parte central, orientado pela estrada de acesso à parte comercial”, verificou estudioso.<sup>3</sup> No mais, a instalação e evolução das duas cidades, como não é difícil de ver, deu-se ao longo do rio, obedecendo ao padrão das *Waldhufendorf* alemãs, em que os lotes eram demarcados desde o rio até as encostas dos morros, paralelamente, uns aos outros.

As primeiras indústrias fundadas no Vale do Itajaí desde 1880 até a Primeira Guerra Mundial eram unidades insignificantes, produzindo apenas pano rústico ou camisetas de malha para a população de colonos. Com a guerra veio sua grande oportunidade pois, dificultadas as importações, abriu-se-lhes o mercado nacional. Os empreendedores locais, contando com excelente mão de obra, de mesmo fundamento cultural, isto é, com mentalidade e disciplina adequadas à produção industrial e, sobretudo, dotados de orgulho pela sua *Leistung*, pela sua capacidade, obtiveram que a indústria catarinense passasse a impor-se pela qualidade dos seus produtos no mercado brasileiro, nascendo a tradição que se prolonga nos dias atuais.

Como prova da tradição industrial que se formou no lugar, convém saber sobre os dias atuais que, em Brusque, com a necessidade de renovação tecnológica e a conseqüente expulsão de operários do processo produtivo, grande parte deles começasse uma “fabriqueta de fundo de quintal”. Essa atitude fez com que na maior fábrica de tecidos da cidade, por exemplo, em dois anos - e aqui também em decorrência da crise instalada pelo governo Collor e a abertura súbita do mercado brasileiro às importações - fossem vendidos 350 teares para ex-mestres e operários da empresa. O “boom” foi tão grande que, inúmeras pequenas empresas - malharias e confecções - chegaram a incomodar as indústrias mais tradicionais da região que, viram ameaçada sua linha de artigos populares. Em resumo, no Vale do Itajaí, quem junta algum capital, seja vendendo uma moto, (como foi dito recentemente por empresário em entrevista<sup>4</sup>), seja rece-

---

<sup>3</sup> PELUSO. Victor Antônio Jr. *Estudos de Geografia Urbana de Santa Catarina*. - Secretaria de Estado e Cultura e do Esporte, Editora UFSC, 1991, p. 372.

<sup>4</sup> Trata-se de depoimento pertencente ao projeto: “Cultura Empresarial do Vale 1945 - 1995” desenvolvido no Instituto de Pesquisas Sociais, FURB.

bendo pequena herança, pensa logo em fundar uma empresa, o que faz parte do capital cultural do lugar. E, embora empresas recentes invistam em *marketing* e se preocupem com “Recursos Humanos”, itens essenciais, conforme vem mostrando pesquisa, sobre a mentalidade empresarial do lugar,<sup>5</sup> permanecem o *não endividar-se*, isto é, não exceder mais que certa porcentagem do capital de giro da empresa nos investimentos, ao mesmo tempo que *ser independente do governo*].

O sucesso econômico do Vale do Itajaí fez com que, nos anos mais recentes, quando o Brasil já conta com a presença mais numerosa de uma pequena classe média e com o incentivo ao turismo, se reconhecesse aqui “**um vale europeu**”. Quer dizer, paulistas, cariocas, gente de toda parte do país reconhece em seus comentários sobre a região, “*idades limpas*”, “*povo organizado*” etc. que remetem à determinada tradição. Que se preservaram certos traços culturais do tempo da colonização, é verdade: as escolas protestantes em geral são mais rígidas, as mulheres tiveram pronta-resposta às oportunidades econômicas que se abriram, tornando-se proprietárias de pequenas empresas por exemplo, e ocupando cargos políticos nos últimos anos (merece ser dito que na região sul, feito o balanço das eleições de 1996, a relação de prefeitas eleitas entre essa data e 1993 indica um aumento de 136,36% na participação feminina, isto é, na ocupação de prefeituras por mulheres, a maior do Brasil, no sudeste por exemplo, esse índice atingindo 52,63%<sup>6</sup>). As crianças são bem educadas, em geral mais disciplinadas, mas também bem mais retraídas que as de outros lugares, as sociedades de canto, de tiro, de bolão renascem motivadas pelo turismo e, como argumento mais forte, desta vez em defesa dos planos imperiais com a imigração, 70% da alimentação brasileira hoje vem do sul! Fato é que, considerando-se a situação Santa Catarina, o modelo da pequena propriedade implantado pelo Império deixou como herança uma economia descentralizada, com regiões de etnia e vocação econômica bem definidas: o Vale do Itajaí se caracteriza pela indústria têxtil e sua foz pela pesqueira; o nordeste catarinense pela indústria de confecções e metal-mecânica; o sul pela indústria cerâmica e mineração, o oeste pela alimentícia (criação de frangos e suínos) e pelas cooperativas agrícolas; o planalto norte pela indústria de móveis residenciais; o meio-oeste, no vale do rio do Peixe, pela produção de maçã; no miolo do Estado, domina o alho; e as plantações de fumo, a apicultura, a piscicultura, as tradicio-

---

<sup>5</sup> *Ibid.*

<sup>6</sup> Fonte: Instituto Brasileiro de Administração Municipal (IBAM), Escola Nacional de Serviços Urbanos (ENSUR) e Núcleo de Estudos Mulher e Políticas Públicas, estimativa em novembro de 1996. *In.*: Revista Claudia, ano 36, nº 1, janeiro 1997, p. 36.

nais lavouras de milho, feijão, arroz e mandioca continuam a permear a paisagem agropastoril de toda a terra Catarinense. Ocupando apenas 1,1% do território nacional e 3% da população nacional, Santa Catarina está sempre entre o quinto e o sexto Estado exportador do Brasil. Com um pé no campo e outro na cidade, o Estado tornou-se o maior produtor nacional em muitas áreas: geladeiras, compressores para refrigeração, alho, cebola, carvão mineral, revestimentos cerâmicos, confecções de algodão, maçãs, copos de cristais, fumo, tubos de PVC, mel, móveis residenciais, aves, porcelanas, suínos.<sup>7</sup> Não havendo aqui recursos naturais que favoreceram a exploração econômica tal como em outros Estados do Brasil, é cultural o fator responsável maior pelo seu desenvolvimento. Nesse ponto concretizaram-se os planos do Império e os planos pessoais de Hermann Blumenau.

---

<sup>7</sup> Relatório GAZETA MERCANTIL: O Modelo Catarinense. Segunda-feira, 29 de agosto de 1994.

**Pesquisas  
&  
Pesquisadores**

**A Migração  
de Alemães  
para o Vale  
do Itajaí  
(1838-1850):  
Processo  
Informal de  
Ocupação de  
Terras**

Texto:

*ANDRÉ  
FABIANO  
VOIGT\**



Faz parte do senso comum sobre a História de Santa Catarina afirmar que a presença de colonos alemães no Vale do Itajaí iniciou-se somente a partir da fundação da colônia Blumenau, no ano de 1850.

No entanto, faz-se necessário colocar que o Vale do Itajaí recebeu, antes dos 17 imigrantes chegados em 1850, um número significativo de colonos alemães desde o ano de 1838. A maioria destes fundaram primeiramente a colônia São Pedro de Alcântara, em 1829, e nove anos depois, iniciaram um gradativo processo de migração para outras regiões do Estado de Santa Catarina, principalmente o Vale do Itajaí.

Tal assunto é, todavia, já bastante difundido entre aqueles que pesquisam ou pesquisaram sobre os pioneiros no Vale do Itajaí. Vários estudiosos se interessaram por este período, acumularam documentação pública, constituíram acervos particulares e escreveram vários artigos. Entre eles, podemos citar: Alm. Lucas A. Boiteux, José Ferreira da Silva, Carlos Ficker e Oswaldo R. Cabral.

Portanto, este contexto histórico é um tema de difícil pesquisa, devido às informações do senso comum, que dificultam as averiguações, e à dispersão e perda de documentos importantes, que tornam complicada a acumulação de um significativo conteúdo empírico. Assim, discursar sobre a ocupação de migrantes alemães no Vale do Itajaí entre 1838 e 1850 ainda é um desafio para os historiadores atuais.

\*

\* \*

\*) Aluno do Curso de História da UFSC (Florianópolis).

Desse modo, em 1840, houve a primeira referência oficial da existência de um núcleo de colonos alemães na região do Vale do Itajaí.

Juntamente com as referências oficiais dos Relatórios do Presidente da Província, várias outras fontes podem ser apontadas. Em 2 de Novembro de 1838, nos registros da paróquia do “Santíssimo Sacramento do Itajahy”, foram registradas as famílias Händchen e Deschamps,<sup>2</sup> batizando Catalina, filha de Joseph Händchen e Johanna Deschamps.

Em seguida nos anos de 1840 e 1841, outras 4 famílias batizaram filhos seus na paróquia de Itajaí: Theiss e Gödert no batizado de Catharina Theiss (1840); Schneider no batizado de Florenço Schneider (1841); Klocker no batizado de João Händchen (1841).

A partir de 1841, existe uma importante documentação legada pelo historiador Carlos Ficker sobre a “Collonia Itajahy”, que aponta a presença de colonos alemães requerendo terras na região. Os primeiros alemães a requerer lotes de terra no Vale do Itajaí foram, em 1841: Matthias e Johann Joseph Schneider, Nikolaus e Peter Deschamps, Valentin Theiss e Johann Kehrbach.

Ainda em 1841, foi citado em ofício datado de 5 de Novembro daquele ano por Antonio Dias de Arzão, o colono “sen Erio, Joaqm. Alemão”,<sup>3</sup> que pode ser tanto Peter Juchem como Jochem Simonis. Provavelmente tenha sido o primeiro, devido a referências outras que também apontam a presença de Peter Juchem na região.

Em aproximadamente 1843, foi redigida por Benigno Lopes e Monção, juiz de paz, a “*Relação dos dias que se gastao na medição das terras concedidas a Nicolao Teixão, e Pedro Teixão; bem como na mudança dos Rumos dos mais Colonios abacho declarados*”,<sup>4</sup> que reforça indícios da presença de colonos alemães estabelecidos no Itajaí na década de 1840. Eram eles: Nicolaus Deschamps, Peter Deschamps, Valentin Theiss, Johann Schneider, Matthias Schneider, Johann Kehrbach.

---

<sup>2</sup> Nicolaus Deschamps, um dos pioneiros de São Pedro de Alcântara, na realidade, nasceu na França, e tudo indica que tinha a nacionalidade francesa na época da emigração. Contudo, sua presença nos estudos sobre a ocupação do Vale do Itajaí é imprescindível, devido a sua importância para a região.

<sup>3</sup> Collonia Itajahy (1841). Coleção Ficker - Lote 1643 - Arquivo Histórico de Joinville.

<sup>4</sup> Collonia Itajahy (1843). Idem.

Existe disponível um artigo de Oswaldo R. Cabral<sup>5</sup> sobre um documento de 1842 referente a concessões de lotes de terra no Itajahy:

*"Mapa das datas de terras distribuidas em virtude da Lei no. 11, de 1835, aos colonos abaixo relacionados, os quais foram medidas e demarcadas desde o lugar denominado Pocinho, até o Itaupava de Itajaí, da parte do Norte, no Município de Porto Belo, e cujas confrontações vão à margem declaradas."*

Infelizmente, não se sabe se existe ainda o documento original, pois nos arquivos pesquisados não foi encontrado.

De qualquer modo, dentre todos os habitantes, foram mencionados colonos alemães, alguns que já eram posseiros e outros a quem foram concedidos lotes de terras. Já eram posseiros: Pedro Joaquim (Peter Juchem), João Cloques (Johann Klocker), Jacó Alemão (Jacob Theiss) e Adão Miguel (Adam Michels). E foram concedidos lotes aos alemães: Nicolau Deixam (Nicolaus Deschamps), João Jacó (Johann Jakob Gödert), José Adão Miguel (Joseph Adam Michels), João Adão Miguel (Johann Adam Michels).

O pesquisador José Ferreira da Silva legou uma documentação importante a respeito da colonização ao longo do rio Itajaí-mirim, com o *Livro de Registros de Informações de Terras da Câmara de Porto Belo*,<sup>6</sup> o qual aponta, desde 1844, requerimentos de colonos alemães na região.

Requereram terras em 1844: Anton, Joseph e Bernard Händchen; Johann Zimmermann.

Em 1846: Peter e Matthias Palm; Philipp, Joseph e Peter Joseph Sesterhenn.

Em 1848: Johann Händchen, Peter Müller, Lourenço Sesterhenn, Henrique Wagner e Johann Mannebach.

Numa correspondência ao Presidente da Província, em 14 de Fevereiro de 1846,<sup>7</sup> o padre Francisco Hernandez redigiu uma relação de fiéis que contribuíram para a construção da Igreja do SS. Sacramento do Itajaí. Dentre os fiéis, notam-se três alemães: João Pedro Berne (Johann Peter

---

<sup>5</sup> Blumenau em Cadernos, Tomo I, 1957/8, pág. 68 a 70.

<sup>6</sup> Arquivo "José Ferreira da Silva"- Blumenau.

<sup>7</sup> Correspondências Arcipreste e Vigários/Pres.P- 1846. Arquivo Público Estadual.

Pode-se dizer que o início de um processo mais efetivo de ocupação do Vale do Itajaí se deve aos incentivos proporcionados pela Lei provincial no. 11, de 5 de Maio de 1835, que fundou duas colônias na região: Pocinho, no Itajaí-açu, e Taboleiro, no Itajaí-mirim. Ambas estavam sob a responsabilidade do Coronel Agostinho Alves Ramos, da Guarda Nacional de Porto Belo. Assim, a partir de 1836, começaram a chegar colonos nacionais e estrangeiros em maior número à região, tomando posse de lotes de terras.

De acordo com o Relatório do então Presidente da Província de Santa Catarina, João Carlos Pardal, em 1837, um ataque de indígenas afugentou vários colonos de seus estabelecimentos.

Segundo Jacintho de Mattos, no seu livro **Colonização do Estado de Santa Catharina (1917)**, neste mesmo ano teriam ficado na região apenas 2 nacionais e 6 estrangeiros. No entanto, esta afirmação não pode ser confrontada com documentação alguma, pois em nenhum relatório ou ofício disponível hoje nos arquivos, tal informação pode ser confirmada.

Portanto, a referida "estatística" de Jacintho de Mattos estaria baseada ou em algum documento hoje disperso ou perdido, ou sustentada a partir da tradição oral, que já poderia se mostrar bastante desvirtuada, considerando-se que o livro foi escrito 80 anos depois do acontecimento (1917).

Assim, em 1838, foi construída uma passagem de soldados pedrestres, no rio Itajaí-açu, o que trouxe uma certa tranqüilidade aos colonos, que aos poucos foram voltando aos seus estabelecimentos abandonados, trazendo inclusive mais colonos para firmarem ali residência.

Nos Relatórios do Presidente da Província dos anos de 1839 e 1840, foram contadas 65 famílias, 48 de nacionais e 17 estrangeiros. Contudo, em 1840, as 17 famílias de estrangeiros foram especificadas:

*Em Itajahy grande ha 65 Colonos Cheffes de familia, sendo o total da população 141 indivíduos. Dos Colonos 48 são Nacionaes, e 17 Alemaens, e entre todos 39 Cazados, e 26 solteiros.<sup>1</sup>*

---

<sup>1</sup> Relatório do Presidente da Província, 1840, p. 39. Arquivo Público Estadual.



No que diz respeito a sua assistência religiosa, existia até 1850 apenas as visitas do vigário católico de Itajaí. Posteriormente, foi construída a capela católica de Belchior, onde eram realizadas as missas e os eventos vitais (batismos, casamentos e enterros) através do vigário de Itajaí. Portanto, os evangélicos careciam de uma assistência religiosa própria, dificultada pela legislação imperial, que mantinha a religião católica como a religião oficial.

Portanto, pode ser elaborada, a partir destes dados, uma relação nominal de colonos alemães que povoaram o Vale do Itajaí entre 1838 e 1850, que não pretende ser definitiva, mas aponta para a presença concreta de alemães antes de 1850:

Sobrenome, Nome	Data da 1ª referência documental
BINS, Nikolaus	1850
BLUMENAU, Hermann	1847
DESCHAMPS, Nicolaus I	1838
" , Nicolaus II	1842
" , Peter	1841
GÖDERT, Johann Jakob	1840
HÄNDCHEN, Joseph	1838
" , Anton	1844
" , Bernard	1844
" , Johann	1848
JUCHEM, Peter	1841
JUNK, Johann	1850
KEHRBACH, Johann	1841
KLOCKER, Johann	1841
LUCAS, Peter	1850
MANNEBACH, Johann	1848
MICHELS, Adam	1842
" , Joseph Adam	1842
" , Johann Adam	1842
MÜLLER, Jakob	1846
" , Peter	1848

Sobrenome, Nome	Data da 1a. referência documental
PALM, Peter	1846
" , Matthias	1846
RAUSCH, Peter Joseph	1847
" , Nikolaus	1850
SCHNEIDER, Johann Joseph	1841
" , Philipp	1850
" , Matthias	1841
SCHRAMM, Friedrich Wilhelm	1850
SESTERHENN, Peter Joseph	1846
" , Philipp	1846
" , José	1846
" , Lourenço	1848
SIMONIS, Jochem	1843
THEISS, Jacob	1842
" , Valentin	1840
VOIGT, Heinrich	1850
WAGNER, Georg I	1850
" , Georg II	1850
" , Peter	1850
" , Matthias	1850
" , Heinrich	1848
WERNER, Johann Peter	1846
ZIMMERMANN, Johann	1844

Finalmente, pode se reforçar a idéia de que a migração foi um processo dinâmico, que transcendeu às tentativas de colonização sistemática, que pretendiam relacionar cada etnia a uma região de Santa Catarina. E a migração de alemães das colônias da Grande Florianópolis para o Vale do Itajaí foi um grande exemplo de migração dinâmica, que se sucedeu efetivamente desde 1838 e passou décadas além de 1850, paralelamente à colonização sistemática de Blumenau.

## Memórias

### A Criatura

Texto:

*NIELS DEEKE\**



Decorria o mês de agosto ano de 1959, período em que eu morava numa casa junto ao mar, sita à rua Santa Luzia, praia do “Balneário”, em Florianópolis. Adquiri a moradia do Dr. Abelardo Gomes, Procurador da República em Santa Catarina, o qual por sua vez a adquirira de seu parente, o Dr. Aderbal Ramos da Silva.

A fim de construir a garagem, adquiri o terreno contíguo, ao norte, do Sr. Roberto Müller, proprietário da “Joalheira Müller”, e ainda depois de avançar com o terreno sobre o mar, mediante a construção de um muro com ciclópicas pedras de granito assentadas sobre a estreita faixa de praia, aterrando todo o vão, no qual deixei uma rampa em concreto para a tração de embarcação, em cuja abertura fixei um portão, mudei-me para aquele ermo, lá residindo solitário, até casar-me em novembro de 1959.

O avanço, de cerca de doze metros mar adentro, por outros setenta de extensão, que procedi sobre as “terras da marinha”, interrompendo a livre passagem do público pela praia durante as marés média e alta, causou-me bastante aborrecimento.

Denunciaram-me, justificadamente, ao “Serviço do Patrimônio da União” e Prefeitura Municipal e, muito não faltou para que determinassem a sua demolição, não fosse a amizade e benevolência do então Diretor do “SPU” em Florianópolis, o Dr. Gilberto Fontoura Rey, que chamando-me para explicações, resolveu “fechar os olhos”, quando me garantiu que, no mínimo, durante a sua gestão a questão permaneceria pendente. Visitando aquelas paragens em 1993, constatei que o muro ainda lá estava, tão firme quanto o construí.

Pois bem, num dia do mês de agosto, estando meu tio Raul Deeke em Florianópolis para tratar da regularização das terras cuja aquisição intentava no Alto Palmeiras - mais tarde “Fazenda Marily”, pediu-me

---

\*) Colaborador da Revista Blumenau em Cadernos.

Hercílio Deeke, meu pai, que preparasse para a noite uma churrasqueira ao estilo bivaque - só carne, pão e farinha, para três pessoas : ele próprio, meu tio Raul e Japy Fernandes, amigo de meu pai e decano dos representantes comerciais da Capital.

Ao final da tarde comprei, no Estreito, junto aos açougues “Koerich”, na época com sede em Santo Amaro da Imperatriz, empresa que havia recentemente estabelecido diversos “picadores” na “Grande Florianópolis”, carne de carneiro, muito apreciada por Raul, e filés de gado. Preparei os espetos e a improvisada churrasqueira, mesa, cadeiras e banquetas com bebidas, debaixo do imenso “Flamboyant” que sombreava grande parte do pátio no jardim. Meu jardim à beira mar, no Estreito, cujo gramado foi plantado com “leivas” trazidas de Blumenau, foi o último que o Sr. Geraldo Lübcke executou antes de abandonar a profissão de “jardineiro”, para iniciar atividades têxteis, criando, em Blumenau, a “Malharia Juriti”.

Pelas sete da noite chegaram os três comensais, vindos da Ilha-Capital, com meu pai ao volante do Ford - fairlane ano 1955 - placa oficial em bronze, SF1. Ele próprio raramente dirigia o carro oficial, pois hospedava-se no “Lux Hotel”, distante uma quadra de seu gabinete da Secretaria da Fazenda do Estado. O carro permanecia no pátio do Palácio do Governo, e além dele somente lá ficava o carro do Governador Heriberto Hülse, que igualmente pouco uso fazia do carro do Estado.

Depois de muito fazermos uso da garganta, tanto para comer, beber, como também para contar “*causos*”, no que Raul Deeke e Japy Fernandes eram impagáveis, lá pelas 23 horas foram-se os convidados de volta para a Ilha. Como de costume sobrou carne à beça e arrumei tudo muito rapidamente, deixando espetos, grelha e demais apetrechos a recender o cheiro de churrasco por todo o pátio e me recolhi para dormir.

A casa tinha um vasto varandão aberto que dava para o mar, separado da sala de visitas por comprida porta de seis folhas de veneziana, com outras tantas, pelo lado interno, envidraçadas. O vento nordeste batendo naquele conjunto de sanfonas à guisa de portas, provocava ruídos aos quais minha sensibilidade não se acostumava. Entretanto naquela noite, logo que deitei, além dos usuais, ouvi estranhos e inusitados ruídos vindos da varanda.

Levantei-me e, no escuro, acendi somente a luz da varanda, acionando o interruptor pelo lado interno, na sala de visitas. De início produziu-se um soturno silêncio. Pelas frestas da porta veneziana tentei divisar quem poderia estar no abrigo, mas as estreitas gretas só permitiam ver o chão muito próximo da porta, e como a varanda fosse muito larga e ainda tendo comprimento muito além da área de visualização que as gretas permitiam observar, não foi possível ver

quem lá estivesse. Nisso consegui discernir, pela sombra, uma vaga silhueta humana projetada pelo reflexo da luz, cujo vulto se erguia com dificuldade, arrastando-se, para em seguida novamente deitar-se no chão. Apaguei a luz e fiquei a matutar sobre o modo de livrar-me daquele bêbedo que certamente fora atraído pelo cheiro da bebida de nossos aperitivos durante a churrascada e agora pretendia curar sua carraspana na minha varanda, pois quando acendi a luz o homem deveria ter-se tocado, mas embriagado tornou a deitar-se.

Apanhei a lanterna de duas pilhas e, cautelosamente, contornei a casa e, a partir do gramado, lancei o facho da lanterna sobre o varandão. Nada, não havia ninguém de pé.

Desde muito jovem eu fora um sujeito *metido* a praticar “audácias”, se bem que fosse cauteloso, não havia o que pudesse me atemorizar com relação a quaisquer crendices - os tabus dos mistérios e do medo, desabaram com meus sete anos de idade. O incógnito me fascinava, e como meus pais foram extremamente liberais, creio que até muito além do permissível, vivi os limites do imaginável para um rapaz do nosso grupo social. Permitiram-me, acompanhar, desde os 8 anos, meus tios nas grandes e memoráveis caçadas, serra acima e mata atlântica; deram-me muitas armas, espingardas, garruchas e revólveres; aos 9, nas oficinas de Raul Deeke apreendi tudo quanto lá executavam e a lidar com diversos explosivos, além de fumar e beber aperitivos livremente junto a meus pais. Acompanhava a pesca profissional em mar alto; aos 11 deram-me uma boa motocicleta com a qual atingia todo o Vale do Itajaí, nas longas excursões a cata de orquídeas e caça; dormia solitário na floresta e adentrava cavernas.

No “Jardim Zoológico de Pomerode” do qual meu tio Victor Weege era coproprietário, por anos, nas férias, bem cedinho, ajudava os tratadores, fiscalizados pelo Sr. Roedel, na alimentação e limpeza das jaulas de toda aquela imensa bicharada. Muito jovem participei, com Victor Weege, de caçadas exclusivas à feras no Paraná. Possuía aos 10 anos um bateira amarrada na barranca do rio e não foram poucas as vezes que dormi à beira do Itajaí-açu. Nunca me cobraram horário para retorno e aos 10 anos, em 1947, morei cerca de 25 dias no alto do Spitzkopf.

Enfim, depois de morar sozinho, quando ainda menor de idade, durante 4 anos, por todos os cantos do Rio de Janeiro, eu me “considerava” um sujeito “durão e curtido”, imune a quaisquer sobressaltos, sustos ou temor de “seres sobrenaturais”. Ledo engano. Disso tive a plena certeza naquela noite escura como breu junto à varanda da casa de praia.

Pensava ter que lidar com um bêbedo e jamais poderia, nem por sonhos, imaginar que iria defrontar-me com uma “criatura” tão invulgar e para meu espanto alojada na minha varanda.

Quando o fraco facho de luz bateu “naquilo”, me senti transportado às profundezas do inferno de “Hades”, pois, ali, justo a menos um metro de meus olhos, havia uma “coisa” monstruosa que só poderia ter surgido do outro mundo!

“Quase cuspi o coração boca afora! O susto foi tão grande que dificilmente passarei por algum maior nesta vida.”.

Um descomunal “ser” de pele negra e lustrosa, grunhindo qual verdadeiro “Leviatã”, abriu seus membros superiores como se fosse a capa negra do demônio e lançou-se sobre mim, para agarrar-me. A “coisa” assombrosa, cujo perfil difuso era mal iluminado pela velha lanterna, ergueu-se até dois metros de altura e escancarou uma colossal bocarra vermelha, decorada com afiados e longos dentes de marfim enquanto debatia-se grotescamente no chão de ladrilhos, armando um “bote” na minha direção.

O monstro só poderia ter brotado diretamente do quintos do inferno e no susto me pareceu um “morcego gigantesco” do tamanho dum hipopótamo e aqueles imensos dentes em arco, que rapidamente focalizei, certamente serviriam ao vampiro para sugar o sangue de suas vítimas. Meu choque topando de chofre na escuridão da noite, tão inesperadamente e naquelas circunstâncias, com a dantesca criatura, foi de transferir, qualquer cardíaco, desta existência para uma melhor. Meu cérebro travou e presumo que tenha literalmente “levitado”, pois meus músculos e nervos paralisaram; não me recordo como consegui recuar.

Afastei-me alguns metros, apaguei a lanterna e pensei em buscar a arma.

Passados alguns instantes, mais sereno, comecei a cismar. Enfim o que seria aquilo? Deveria haver uma explicação lógica! Antes de qualquer ação precisava saber o que, exatamente, era aquilo.

Aproximei-me da “jardineira” da varanda e só então apertei o “plug” da lanterna. Sim, lá estava o monstro no mesmo lugar.

Só então, e muito lentamente, pude constatar que na realidade tratava-se de uma variedade dos enormes “Leões Marinhos”, creio que fosse uma “Morsa”. O “bicho” tinha um porte avantajado, pesaria dias depois, no “Mercado Público de Florianópolis, conforme a tabuleta na exposição, 280 kg.

Observando melhor, notei que entre as nadadeiras superiores e o pescoço, havia uma maçaroca de fios de nylon, restos do que foi uma rede de pesca, que lhe estrangulavam fortemente a goela. O animal devia estar faminto e como vi

que o portão da rampa para o mar estava aberto, certamente entrou atraído pelo cheiro da carne do churrasco.

Na geladeira havia “manjuvas” para isca da carretilha de pesca que eu frequentemente atirava, de meu jardim, ao mar, além de muita sobra de carne temperada para a churrascada daquela noite. Acendi as luzes alimentadas pela oscilatória energia fornecida pela “Elfa” - Empresa de Luz e Força de Florianópolis S/A, apanhei as manjuvas e fui jogando-as para o bicho que as abocanhava em pleno ar.

Entretanto preocupava-me a “traça” dos fios que a sufocavam e resolvi ao menos tentar livrá-la daquele suplício. Rápido fui à garagem, apanhei uma grossa vara de bambu e na ponta amarrei minha afiada faca de pesca. Enchi um balde com pedaços cortados do resto da carne temperada e aventurei-me à safá-la daquela força. Atirei-lhe um grande pedaço da carne com ossos e, de longe, alcei a vara para cortar a cordoalha. Enfiei a faca virada com o lado cego contra o pelego da “morsa”, mantendo o gume em posição oposta e empurrei a vara, firme e com vigor, contra a fiação torcida.

Foi uma só estocada e a embolação de nylon estava seccionada. Tive a nítida impressão de que o bicho, fazendo um movimento de torção com a cabeça e pescoço, “compreendeu”, que fora eu quem o livrou do laço.

Então devagar fui atirando os nacos em direção do portão da rampa para o mar, conduzindo o pesado “Arctocephalus” para aquela saída. A criatura arrastava-se para apanhar o alimento que eu ia jogando e entre cada novo lançamento, levantava a cabeça e meio corpo na minha direção, fixando-me com seu olhar profundo e esperto, como a implorar que eu tornasse a jogar comida. A operação foi demorada, durante a qual pude observar que tratava-se de uma fêmea e progressivamente o “focídio” foi ficando dócil; chegou até a esboçar sorrisos de satisfação quando eu lhe atirava as sardinhas e as postas de carne. A criatura diferenciava-se  *muito* dos balofos e desengonçados “Leões Marinhos”, do Atlântico e Pacífico sul, era muita ágil e esperta. O corpo era esguio, o focinho não era achatado, tinha pequenas orelhas, pouco bigode, pelugem sedosa e poder-se-ia mesmo dizer que sua “feição de rosto” era bonita e agradável, enfim apresentava um aspecto elegante, cativando quem a observasse.

Num relance da memória, recordei-me de “Ulisses”, o grego, na sua “Odisséia”, que precisou tapar os ouvidos com cera para não ser atraído pelo “*canto das sereias*”, apreciando entretanto seus avassaladores encantos, conto épico onde, com toda certeza, o autor inspirou-se na extrema semelhança das “focas” com as beldades femininas. Dias após procurei, na biblioteca pública que havia na rua Trajano, conhecer algo mais sobre leões marinhos, lobos marinhos, ursos marinhos morsas, focas e lontras.

Deu-me uma imensa compaixão perceber quanto faminta estava e, quando consegui fechar o portão atrás dela, derramei-lhe todo o balde de carne e ainda tornei a preparar outro. Foi uma infelicidade que eu estivesse tão cansado naquela noite, pois creio que poderia, com alguma paciência, tê-la feito permanecer tranqüilamente no quintal, que serviria de seguro abrigo quando do retorno de suas incursões ao mar. Também não deixava de ser perceptível sua fácil domesticação e pude constatar que seu "*processamento mental*" era de fato muito superior ao de um chimpanzé, quando reagia com muita vivacidade a cada gesto meu, transmitindo, com movimentos das nadadeiras superiores e pelo seu olhar, a certeza de um "*raciocínio cerebral*" consideravelmente adiantado.

Na manhã seguinte, junto à praia, não havia mais sinal da criatura. Evidentemente, não pude deixar de contar a ocorrência, com todos detalhes, a meus colegas funcionários da Secretaria da Fazenda. Os mais íntimos foram chamados por meu pai ao Gabinete da Secretaria de Estado, e esperando o anúncio de alguma nova medida de procedimento fiscal, vieram tensos já aguardando problemas pela frente. Meu pai, o primeiro, naquela manhã, a saber do episódio, acomodado em sua elíptica escrivaninha de Secretário de Estado, então pediu que eu relatasse "*um caso real que valeria a pena perder dez minutos para ouvir*", àqueles funcionários que de pé aguardavam, ansiosos, alguma novidade administrativa. Enquanto eu desenvolvia o relato contando todos os pormenores do episódio daquele meu encontro com a "sereia", um dos presentes, o Dr. José Baião, não resistiu de tanto rir, vermelho a verter lágrimas, engasgou passando mal e precisaram socorrê-lo.

Cheguei a arrepender-me por não ter ficado quieto, pois durante semanas a fio, fui alvo das piadas e gozações de meus colegas que truncando a ocorrência, com pérfidas palavras, faziam "blague" sobre o meu encontro com a "morsa" que convertiam para "moça" e o lance que foi "amistoso", maliciosamente transformavam em "amoroso" e de reboque inventavam os mais picantes chistes para me atazanar, e nisso o "ilhéu" era mestre. Até pelotas de cera apareciam na minha escrivaninha com bilhetes de recomendação, onde constava: "Vacina contra a sedução de sereias".

Passados alguns dias do meu encontro como a "criatura", um colega informou-me que no "Mercado Público", no centro da Capital, estava exposto um "Leão Marinho" apanhado na praia de Coqueiros. Mandei-me para lá e assisti a um dos espetáculos mais deprimentes que o apregoado "ser racional" possa produzir. Uma fila de cerca de vinte pessoas aguardava a vez para adentrar um tapume em quadro, após pagar entrada. Ao sair um grupo de 10 pessoas, outras tantas entravam. Sim, sem dúvida alguma era a minha "Morsa", agrilhoada



com grossas argolas de ferro, uma no pescoço e outra antes da nadadeira traseira, ambas fixas a correntes. A infeliz fêmea, já então erradamente classificada na tabuleta de "Promoção do Espetáculo" como "Leão Marinho", pesando 280 kg, era objeto da prática dos mais baixos atos de provocação, perversidade e perversão.

Dirigi algumas palavras ao responsável da "promoção", tentando fazê-lo compreender a barbárie que praticava - mas a reação dos assistentes, contra mim, quando falei que aquilo era "caso de polícia", foi tamanha que pouco faltou para me agredirem. Um deles, conhecido de vista, pegando-me pelo braço levou-me para fora daquele antro, dizendo: "deixa prá lá, a polícia nada tem a ver isso, *é só um animal*, não há mal nenhum, etc."

Revoltado retirei-me dali, pois a "criatura", um vertebrado superior, representativo de um elo no encadeamento da origem das espécies, muito próxima da vertente a que devemos nossa própria origem, ali estava a provar e padecer toda a sandice estulta de que é, sempre foi, e infelizmente está a parecer que sempre será, dotada a soberba e prepotente humanidade.

Acabrunhado com o que assisti, fui caminhando pela calçada junto ao muro do fétido lagamar da "Baia Sul", até a ponte-passadiço que servia ao bar do "Miramar", enquanto perguntava-me: "Que espécie de caridade, pregam as religiões no que concerne aos seres da natureza animal, a fim de, excluídos os costumeiros paralogismos de seus apologistas, objetivar a efetiva educação, inculcando, naquela plebe ignara e rude, algum sentimento moral de sensibilidade, misericórdia e piedade, se não de afeição, pelo menos de equidade ecológica na divisão de espaços deste planeta que não somente à nós, ditos racionais humanos, pertence por natural direito, *o verdadeiro direito*, e não o sofisma manobrado por "Montesquieu" que artificial e mecanicamente o transveste em "leis" exclusivas, para, depois de pactuadas pelos interesseiros-interessados, prevalecer draconianamente sobre toda a "Natureza do Planeta".

*O texto a seguir será apresentado sem delapidações em seu original, para que o leitor, ao avaliar o documento, entenda que ele é produto da sociedade que o fabricou.*

*O documento auxiliará na recuperação da memória coletiva e ao historiador caberá usá-lo cientificamente.*

### Capítulo I Segurança Pública

*Artigo 1º.* - Ninguém deverá andar a cavallo ou em carro dentro da Villa e nas povoações se não em andar moderado, exceptuados os casos de força maior reconhecidos. O contraventor pagará 4\$000 rs. de multa.

*Artigo 2º.* - Os que assustarem quaesquer animaes de montaria ou de carruagem, nas ruas e estradas, ficarão multados em 4\$000 rs.

*Artigo 3º.* - Fica prohibido trazer dentro da Villa quaesquer armas de fogo carregadas e armas cortantes, inclusive punhaes e estiletos. O infractor pagará a multa de 5\$000 rs.

*Artigo 4º.* - As tropas de gado vaccum, cavallar ou muar devem sempre ter o numero sufficiente de conductores, dos quaes um ao menos deve servir de guia, andando á testa das mesmas tropas. Multar-se-há o contraventor em 5\$000 rs.

*Artigo 5º.* - O boticario que, sem prescripção medica, fornecer a alguem, drogas tóxicas, além das penas criminaes, pagará a multa de 30\$000 rs.

### Capítulo II Hygiene Publica

*Artigo 6º.* - Nenhum corpo será conduzido á sepultura, sem ser em caixão fechado. O infractor pagará 8\$000 rs. de multa.



*Capa do documento original  
do Código de Posturas de Blumenau (1883)*

*Artigo 7º.* - As sepulturas terão pelo menos 1,75 metros de profundidade. Ao coveiro infractor desta disposição se imporá a multa de 5\$000 rs.

*Artigo 8º.* - Os que venderem quaesquer generos solidos ou liquidos corrompidos ou falsificados serão multados em 20\$000 rs, além da pena de os perder.

*Artigo 9º.* - Nenhum vendedor de generos alimenticios poderá deixar de conservar limpas suas medidas, balanças e pezos, como também não poderá fazer uso de torneiras de metal que criem azinhavre ou oxydo nocivo, sob pena de pagar 20\$000 rs. de multa.

*Artigo 10º.* - Aquelle que tiver terrenos pantanosos onde se conservem agoas estagnadas, dentro dos limites da Villa e das povoações, será obrigado a aterral-os, ou dar esgoto ás águas, dentro do prazo que o Fiscal ordenar. O contraven-tor pagará 5\$000 rs. de multa pela 1ª. vez; n'essa occasião o fiscal dará ainda um tempo razoavel para concluir os trabalhos, findo o qual se não tiver feito, pagará 20\$000 rs. de multa e a obra será feita pelo Procurador da Camara á custa do possuidor do terreno.

*Artigo 11º.* - As latrinas não poderão estar situadas em distancias menores de dez metros da rua ou estrada e devem ser sempre desinfectadas. O infractor pa-gará a multa de 5\$000 rs.

*Artigo 12º.* - Ninguém poderá lançar aguas infectadas ou outras quaesquer immundices, nas ruas, quintaes, canos de casas e nas estradas. Os infractores serão multados em 5\$000 rs.

*Artigo 13º.* - Fica prohibido nas casas de pasto, tabernas e outras casas pú-blicas o uso de panellas ou outras quaesquer vazilhas de cobre. O infractor pa-gará a multa de 10\$000 rs.

*Artigo 14º.* - Ninguém poderá matar e expor á venda rez doente: pena de 30\$000 rs. de multa. Na metade da mesma multa incorrerá quem matar e expo-zer á venda rez cançada.

*Artigo 15º.* - A camara publicará opportunamente, de accôrdo com o seu medico de partido, outras medidas que sejam convenientes á hygiene publica. Quem as infringir pagará 10\$000 rs. de multa.

### Capítulo III Commodidade e Tranquilidade Publica

*Artigo 16º.* - Fica prohibido fazer vozerias, alaridos e dar gritos nas ruas e praças: multa de 4\$000 rs. ao infractor.

*Artigo 17º.* - São prohibidas as carreiras de cavallos dentro dos limites da villa e das povoações, e fora destes só poderá correr precedendo licença da camara, pela qual se pagará o imposto marcado na lei respectiva. Os infractores serão multados na quantia de 30\$000 rs.

*Artigo 18º.* - Ninguem poderá lançar nas estradas e praças ou ruas corpos solidos ou liquidos que possam prejudicar aos que transitarem, ou deixar em seu terreno objectos que por motivo de putrefacção possam incommodar aos transeuntes e vizinhos. O infractor pagará 8\$000 rs. de multa.

*Artigo 19º.* - É prohibido ter solto nas ruas, praças e estradas, gado vaccum, cavallar, muar, suino cabrum ou ovelhum. O contraventor pagará 4\$000 rs. de multa.

*Artigo 20º.* - Fica prohibido amarrar animaes nas ruas, praças e estradas. O infractor pagará 4\$000 rs. de multa.

*Artigo 21º.* - Todo aquelle que tiver feito obras com usurpação de terrenos de serventia publica, será obrigado a restituil-os logo que tenha de reedifical-as ao fazer-lhes alteração na parte em que se fez a usurpação, e os que d'ora em diante fizerem taes construcções serão obrigados a demolil-as no prazo marcado pelo fiscal. Os contraventores serão multados em 10\$000 rs. e na demolição da obra.

*Artigo 22º.* - Toda a pessoa que sem licença da Camara depositar nas ruas, praças e praias da villa e outros lugares publicos do seu termo qualquer objecto que embarace o livre transito publico, incorrerá na pena de 4\$000 rs. de multa, pela 1ª. vez e o duplo nas reincidencias e pagará além disso a despeza que se fizer na remoção desses mesmos objectos para o lugar e pela fórma que pelo fiscal fôr designado.

*Artigo 23º.* - Ainda dado o cazo de haver obtido a licença de que faz menção o artigo antecedente, nunca poderão os materiaes, andaimes ou outros objectos impedir a livre servidão do povo, e só poderão occupar a terça parte da largura da rua, e nas noites escuras porá o dono de taes materiais uma luz, que se conservará até ás 11 horas. Os infractores serão multados em 4\$000 rs.

*Artigo 24º.* - É permittido aos negociantes de madeiras, desta Villa, tel-as empilhadas na praça publica na parte comprehendida entre os dous caminhos, que se dirigem ao porto e na parte que fica a Leste de um dos ditos caminhos, devendo porém tel-as arrumadas em distancias nunca inferiores a 4 metros dos lugares de transito publico. Os infractores incorrerão nas mesmas penas do artigo 22.

### Capítulo IV Lavoura e Industria

*Artigo 25º.* - Ninguem poderá pedir indemnização alguma de damno causado pelos animaes que passarem pelas estradas, com conductores, se os possuidores de roças na beira das mesmas estradas não fizerem uma cerca sufficiente.

*Artigo 26º.* - É prohibido d'aqui em diante fazer qualquer plantação ou cercas que possam assombrar as estradas, assim como o plantio de espinheiros nas margens das estradas, e sim 5 metros afastados das mesmas margens. O infractor pagará 4\$000 rs, de multa.

*Artigo 27º.* - Nenhum proprietário poderá prohibir que em suas terras entre o seu vizinho, para o fim de extinguir formigueiros. Aquelle que a isto se opozer sera multado em 4\$000 rs.

*Artigo 28º.* - Ninguem poderá queimar coivaras ou roçado sem previamente avisar a seus vizinhos, e ter feito um aceiro de 3 metros, pelo menos, de largura, e tomada as precauções sufficiente para evitar qualquer prejuizo. Os infractores pagarão 10\$000 rs. de multa.

*Artigo 29º.* - Todo o proprietario que tiver pastos e n'elles tenha animaes soltos, contra o terreno de seu vizinho e que o terreno deste não seja pasto, é obrigado a cercar convenientemente pará que o seu gado não prejudique ao vizinho. Os contraventores serão multados em 4\$000 rs. além do damno que causar ao heréo.

### Capítulo V Ruas, Estradas e Caminhos

*Artigo 30º.* - As cercas vivas na beira das ruas e estradas ou caminhos devem ser cortadas duas vezes por anno, nos mezes de Abril e Novembro. O contraventor pagará 4\$000 rs. de multa.

*Artigo 31º.* - Ninguém poderá embaraçar o livre esgoto das aguas das vallas e rios e usar d'ellas com prejuizo dos moradores adjacentes. O contraventor será multado em 10\$000 rs.

*Artigo 32º.* - As cercas vivas não poderão exeder a 1,5m de altura.

*Artigo 33º.* - Os possuidores do terreno serão obrigados a cuidar em que as vallas que passarem na frente de suas propriedades sejam limpas sufficientemente nos mezes de Abril e Novembro de cada anno e esgotarão as aguas de maneira as estradas não fiquem arruinadas pelas mesmas, sob pena de serem multados em 4\$000 rs.

*Artigo 34º.* - As estradas devem ficar sempre desassombradas, quem o não fizer serão multado em 4\$000 rs.

*Artigo 35º.* - Todos os proprietarios ou inquilinos são obrigados a conservar limpas as testadas de seus predios e chacaras. Os infractores serão multados em 4\$000 rs.

*Artigo 36º.* - Os proprietários ou quem suas vezes fizer são obrigados a concertar e a trazerem sempre limpas as suas testadas, dando esgoto ás aguas, concertando as estivas e pequenos boeiros e desasombrando a estrada ou caminho, onde preciso for. O contraventor será multado em 4\$000 rs.

*Artigo 37º.* - Quando algum ou alguns moradores não cumprirem o dever de que tratão os dous artigos acima, poderá o fiscal mandar fazer o concerto ou limpeza e haver a despeza, dos que não concorrerem, sem que possam por dúvida ao pagamento da quantia devida, para o que apresentará ao devedor a conta documentada e em forma legal, e approvada pelo procurador da camara. Quando a obra fôr tão custosa que exceda ás possibilidades do proprietário, o fiscal representará á Camara, para esta resolver como convier.

*Artigo 38º.* - É prohibido conduzir madeiras de rasto pelas ruas, estradas e caminhos públicos sem ser em carreta. O contraventor pagará 4\$000 rs. de multa.

*Artigo 39º.* - As ruas que d'ora em diante se tenham de abrir e as actuaes que ainda possam admittir alteração terão de 12m a 16m, pelo menos, de largura.

*Artigo 40º.* - Os donos dos animaes que morrerem nas ruas ou n'outros logares publicos serão obrigados a mandal-os enterar á sua custa, sob pena de 5\$000 rs. de multa, e quando se ignore quem sejam os donos, o fiscal os mandará enterar a custa da camara.

*Artigo 41º.* - Ninguém poderá fazer escavações ou tirar terra das praças, ruas e estradas ou qualquer outros logares de transito geral. As escavações que existirem em taes logares serão entulhadas no prazo de dous mezes pelos possuidores dos respectivos terrenos. O contraventor será multado em 4\$000 rs.

*Artigo 42º.* - Os proprietarios de terrenos nas margens dos rios, caminhos e estradas publicas não são obrigados a dar transito em suas terras aos moradores centraes, senão aquelles que não tiverem outro caminho, ainda que mais longo para seguirem á estrada, sob pena de 4\$000 rs. de multa.

*Artigo 43º.* - Nenhum dono de terras poderá usurpar a servidão das estradas, caminhos, vallas publicas, rios, corregos e fontes de serventia publica, tapando, mudando ou estreitando-os a seu arbitrio. O infractor soffrerá a multa de 20\$000 rs. a 40\$000 rs. e a prompta restituição: no caso de contumacia será a estrada, caminho, valla, rio, corrego ou fonte restituida ao seu antigo estado pela camara, á custa do contraventor.

*Artigo 44º.* - É prohibido estabelecer cancellas nas estradas publicas deste municipio; as que existirem na data da publicação deste codigo, serão demolidas pelos respectivos proprietarios, no prazo de trez mezes, contados da data do edital que para esse fim publicará o fiscal. Os que não cumprirem a determinação acima, no prazo estabelecido, serão advertidos pelo fiscal e pagarão 4\$000 rs. de multa; se quinze dias mais tarde ainda a não tiverem cumprido, a multa será de 8\$000 rs., e se passados outros quinze dias a cancella ou cancellas ainda existirem, o fiscal deverá destruil-as á custa do respectivo proprietario.

### Capítulo VI Construcção de Edificios

*Artigo 45º.* - Ninguem poderá edificar ou reedificar, tocando na frente do predio, ou fazer qualquer obra de pedra, cal ou madeira (comprehendidas n'este artigo as cercas das ruas, estradas ou travessas) sem pedir a camara municipal licença e arruamento o qual se lhe mandará fazer pelo engenheiro arruador. Os requerimentos para taes licenças deverão ser apresentadas em qualquer reunião da camara e, no intervallo das reuniões, ao Presidente da mesma. Os que fizerem quaesquer obras acima especificadas, sem licença, ou se afastarem do arruamento que lhe for feito, serão multados com 20\$000 rs., e obrigados á demolição da obra, não podendo pedir indemnisação alguma, e quando não fação no termo de tres dias, depois da notificação, será a obra demolida á sua custa, por mandado da camara. O alinhamento será feito á custa do requerente que pagará ao engenheiro arruador 6\$000 rs. por tal serviço.

*Artigo 46º.* - Todas as cazas que d'aqui em diante forem feitas, dentro dos limites da vila e povoações e suas visinhanças, serão cobertas com telhas.

*Artigo 47º.* - Todo o edificio, muro ou tapamento de qualquer natureza que se achar em estado de ruina, será demolido á custa do proprietario, quando pelo exame do engenheiro de partido da camara, se verificar que não admite reparo. D'esse exame será intimado o respectivo proprietário, ou quem suas vezes fizer, para immediatamente proceder á demolição. No cazo porem, de que seja admissivel o reparo, será este feito no prazo que o fiscal indicar, de conformidade de parecer do engenheiro. Quando haja contravenção será tudo feito, á custa do proprietario o qual responderá por todas as despezas que se tiverem feito, segundo a conta do fiscal, aprovada pelo procurador.

*Artigo 48º.* - Nenhum predio será edificado sem ter pelo menos 4 metros do sólo ao frechal, e sendo de sobrado, do pavimento frechal, não sendo comprehendidas n'estas dimensões: 1º. os predios que se edificarem fóra das povo-



ações e suas vizinhanças, em lugares não sujeitos ao arruamento: 2º. aqueles que em razão do fim para que forem destinados demandarem maior altura, como sejam os templos, theatros, fabricas, etc.

São vizinhanças das povoações os terrenos em distancia de duzentos metros de arreaes sujeitos ao arruamento.

Todos os predios terão cimalthas e as portas e janellas terão as dimensões constantes dos modelos existentes na Secretaria da camara, onde poderão ser examinados pelos interessados. Todo aquelle que infringir as disposições deste artigo, será multado em 10\$000 rs. e obrigado a demolir a obra.

*Artigo 49º.* - Os proprietarios que edificarem serão obrigados a calçar suas testadas com 1,8 m de largura, seguindo o nivelamento da rua. Os contraventores serão multados em 20\$000 rs. e obrigados a demolir á sua custa as calçadas, para fazel-as segundo a largura e nivelamento estabelecidos.

*Artigo 50º.* - Fica prohibida a edificação da chamada meia agua, na villa, povoações e suas visinhanças.

### Capítulo VII Rendas municipaes

*Artigo 51º.* - Ninguem poderá dar espectaculo ou baile publico, sem prévia licença da camara, pela qual pagará o imposto legal. Os infractores pagarão 10\$000 rs. de multa.

*Artigo 52º.* - Quem não pagar o imposto, em que estiver lançado, ao procurador da camara, no prazo marcado no artigo 64, pagará mais a multa de 6% sobre o valor do imposto devido.

*Artigo 53º.* - Todos os que matarem gado, dentro deste município, e puzerem a carne á venda, para o consumo publico, devem previamente pagar o respectivo imposto.

*Artigo 54º.* - Se duas ou mais pessoas matarem um boi ou porco em sociedade e um ou mais dos associados pozer á venda a parte da carne que lhe pertencer, o vendedor desta parte ficará sujeito ao pagamento do imposto por inteiro.

*Artigo 55º.* - Todos que venderem generos que devão ser medidos ou pezados, devem ter as medidas e pezos adoptados no paiz, os quaes deverão ser aferidos todos os annos, na fórmula do estylo, pelos padrões da camara, sob pena, de 4\$000 rs. de multa.

*Artigo 56º.* - Se as medidas e pezos se acharem falsificados, depois de aferidos, o dono da casa incorrerá na multa de 8\$000 rs.. e na de 16\$000 rs. o aferidor que fizer a aferição por mais ou por menos da marca dos padrões.

*Artigo 57º.* - Os lavradores que venderem generos, não são obrigados a ter outras medidas além da de 20 litros, aferida annualmente. Os que não tiverem essa medida aferida serão multados em 2\$000 rs.

*Artigo 58º.* - O aferidor é obrigado a passar um documento aos donos dos pezos e medidas que aferir annualmente, com declaração de que os pezos e medidas que aferio. Pela infração deste artigo pagará 4\$000 rs. de multa.

*Artigo 59º.* - A importancia dos impostos e das licenças que devem ser pagos no cofre municipal regula-se pelas leis provinciaes respectivas, quanto ao imposto sobre carros refere-se a todos os carros que passarem pelas estradas publicas deste municipio.

*Artigo 60º.* - Ninguem poderá abrir casa de negocio, seja qual for a sua denominação, sem que previamente tenha tirado a licença da camara. O infractor pagará 8\$000 rs. de multa, além do imposto devido.

*Artigo 61º.* - Serão considerados mascates os que andarem pelo rio na parte pertencente a este município, em hiate, lanchas ou canoas com fazenda, quin-quilharias, charque e outros gêneros, vendendo ou permutando por outros productos.

*Artigo 62º.* - Será qualificado pombeiro todo aquelle que comprar generos alimenticios para os tornar a vender em carretas, pelas ruas, estradas e praças; o que comprar gado para tornar a vender, e finalmente todo aquelle que se empregar em comprar ovos, manteiga, aves, porco, toucinho, banhas, queijos e outros quaesquer generos, para tornar a vender ou para exportar para fora do municipio.

*Artigo 63º.* - Ao imposto de pombeiro não estarão sujeitos aquelles que venderem generos de sua lavoura ou productos de sua industria, como também o commerciante estabelecido neste municipio que por si ou por seus caixeiros comprar generos para retalhar dentro de sua casa e ahi vendel-os.

*Artigo 64º.* - Os pombeiros e os mascates são obrigados a tirar licença, pela qual pagarão o que estiver determinado por lei, vigorando ella sómente pelo tempo de um anno, serà o financeiro. Todos elles são obrigados a trazer comsigo a licença que será exhibida á autoridade policial ou municipal, que a exigir. Os infractores pagarão 30\$000 rs. de multa.

*Artigo 65º.* - O procurador da camara é obrigado a fazer o lançamento da renda municipal até o fim do mez de Julho de cada anno, a cobrança realisar-se há nos mezes de Agosto à Dezembro; os contribuintes que não pagarem nos referidos mezes, serão onerados com a multa a que se refere o artigo 52 deste capítulo.

*Artigo 66º.* - A aferição será feita todos os annos, nos mezes de Janeiro á Março e a correcção nos mezes de Maio a Junho.

### Capítulo VIII Offensas á moral publica

*Artigo 67º.* - É prohibido todo e qualquer jogo de parada, bem como os de azar seja qual fôr a sua denominação. O contraventor será multado em 10\$000 rs., além das penas em que incorrer na fórma das leis criminaes. Incorrerá nas mesmas penas o dono da casa em que tiver lugar o jogo.

*Artigo 68º.* - As pessoas que perturbarem o socego publico ou offenderem a moralidade publica, com palavras ou acções, serão multadas em 4\$000 rs. além das que lhe forem impostas pelas autoridades criminaes.

### Capítulo IX Uso de armas prohibidas

*Artigo 69º.* - As armas offensivas cujo uso as authoridades competentes podem permittir, são: as espingardas de caça, pistolões, e rewolvers, cujas armas dentro da villa e povoações não devem estar carregadas.

*Artigo 70º.* - Os que infringirem a disposição do artigo antecedente, pagarão 10\$000 rs. de multa, além da pena estabelecida pelo codigo criminal.

### Capítulo X Disposições Geraes

*Artigo 71º.* - Todo aquelle que se arrogar o dominio ou posse de qualquer porto ou lugar de serventia publica, edificando e cercando, ou prohibindo o uso livre aos demais moradores, será multado em 30\$000 rs., sendo obrigado a demolir á sua custa qualquer obra que tenha feito.

*Artigo 72º.* - É prohibido caçar com armas de fogo, nas povoações e suas proximidades, assim como, perto das habitações e nos terrenos alheios, sem permissão dos respectivos proprietarios. O infractor pagará 10\$000 rs. de multa.

*Artigo 73º.* - É prohibido derrubar madeira de qualquer especie que seja, em terrenos alheios, sem o consentimento dos proprietários dos mesmos. O infractor será multado em 4\$000 rs. além de outras penas em que possa por este facto incorrer.

*Artigo 74º.* - Todo aquelle que destruir ou damnificar a propriedade publica ou particular, arrancar ou inutilisar os marcos ou postes que nas estradas indicão os kilometros ou os que servirem para distinguir os limites e extrema das

terras, e outros objectos de utilidade publica ou particular, além das penas criminaes pagará 20\$000 rs. de multa.

*Artigo 75º.* - Todas as multas, no caso de reincidencia, serão duplicadas não estando disposto o contrario nos respectivos artigos, não sendo considerado reincidencia quando acontecer depois de seis mezes.

*Artigo 76º.* - Todo aquelle que desobedecer a qualquer empregado da camara, no exercicio de suas funções, será multado em 5\$000 rs., além das outras penas em que possa incorrer em virtude da legislação vigente.

*Artigo 77º.* - Todo o dono de animal cavallar, muar ou vaccum, que for apprehendido nas ruas, estradas ou outros logares publicos, ou encontrados dentro da propriedade alheia, além da multa estipulada nos artigos 19 e 29, a qual será duplicada sempre que houver reincidencia è obrigado a pagar o damno que o mesmo animal houver causado. Não se verificando quem seja o dono o animal, passado o termo de 48 horas depois de ter sido o mesmo animal recolhido ao curral do conselho, será arrematado em praça publica.

Apparecendo reclamação e deduzidas a importancia da multa e despesas feitas, será o excedente restituído ao reclamante, quando a reclamação tenha sido feita dentro do prazo de seis mezes, do contrario fará parte da renda municipal. Para que o fiscal possa tomar conhecimento da infracção deste artigo, se torna necessario o depoimento, pelo menos, de duas testemunhas.

*Artigo 78º.* - É expressamente prohibido usar dynamite na pesca, assim como, lançar redes nas fozes dos rios. O infractor pagará 8\$000 rs. de multa.

*Artigo 79º.* - Pelas licenças que a camara conceder não sujeitas a imposições, se cobrará 2\$000 rs. de emolumentos, que farão parte da renda municipal.

*Artigo 80º.* - O secretario da camara, pelas certidões que der, receberá das partes o mesmo emolumento marcado pelo Decreto Geral n. 57, 37, de 2 de setembro de 1874, aos escrivães de 1ª. instancia no civil.

Paço da Assembléia Legislativa Provincial de Santa Catharina, em 30 de abril de 1883.

*O Presidente,*

**Antonio Luiz Ferreira de Mello.**

*O 1º. Secretario*

**Thomaz Argemiro Ferreira Chaves.**

**Documentos  
Originais**  
Correspondências

**Carta do  
Imigrante  
Franz  
Sallentien\***

*Esta seção que se intitula **TRADUÇÕES** visa fornecer aos leitores que compreendem a língua alemã uma oportunidade para exercitar seus conhecimentos e, ao mesmo tempo, obter uma panorâmica sobre o estilo da linguagem alemã do início do século em Blumenau.*

*Aos leitores que não dominam o idioma, oferecemos a tradução do artigo. Nossa versão visa contribuir para a recuperação da História regional e ao mesmo tempo incitar leitores e pesquisadores a investigações mais profundas que o texto possa suscitar.*

*Apresentamos a seguir uma carta do imigrante **Franz Sallentien**, escrita em 24 de maio de 1855, na qual descreve aos seus irmãos que ficaram na Alemanha, a vida na Colônia Blumenau, com destaque para seu pedido por utensílios domésticos, vestimentas e um piano.*

***Franz Sallentien** chegou a Blumenau em 02 de setembro de 1850, fazendo parte do grupo dos 17 primeiros imigrantes. Tinha 24 anos de idade e era solteiro.*

*Em 1860, tornou-se comerciante estabelecido na Barra do Rio, próximo a Itajaí e possuía um engenho de Serra no Itajaí Mirim.*



\*) Tradução de Alda Niemeyer em março/1997.

Itajahy, den 24. März 1855.

Meine lieben Geschwister !

Seit 14 Tagen sind wir hier aus dem Wirrwarr nicht herausgekommen. Am Sonnabend, d. 10 März kam der Pastor Hölzel aus der Colonie Donna Francisca, den ich vorher eingeladen hatte, mich zu copuliren. Am 11. und 12ten war Schlachtfest. Am 13. communcirten wir meine Frau und ich, die Schwester meiner Frau mit ihren Mann, Gaertner und die beiden Kellners. Es wurde vorher ein Gesang gesungen und dann hielt uns der Pastor eine vortreffliche Beichtrede, es war dies ein ergreifender Tag für mich, an dem ich sehr weich gestimmt war. Seit nun fast 5 Jahren war es das erste Mal, und auch das erste Mal, dass ich ohne Euch das heilige Abendmahl nahm. Wie gern hätte ich Euch gerade in diesen Tagen bei mir gehabt, wie viel habe ich Eurer gedacht, und war es mir immer, als wenn Ihr da wäret; wie viel dachte ich, ob nicht der Geist unserer lieben Eltern bei mir in dieser Stunde freundlich auf mich niederblickten, und mir ihren Segen für mein späteres Leben gäben. Oh, wie himmlisch seelig war ich, als ich in einem heissen Gebete zu Gott ihm von Neuem versprach, das Andenken meiner lieben Eltern durch ein gleiches Streben in Ehren zu halten. Am 14ten März war dann unser Copulationstag, der ziemlich still, aber heiter verging. Die folgenden Tage fuhren wir mit dem Pastor Hölzel in die Colonie Blumenau, hörten eine kräftige Predigt über die Bestimmung des Menschen von ihm, und feierten am folgenden Tage Baumgartens Hochzeit. So verging die Zeit in dulci júbilo und als ich nun Euch ausführlicher schreiben wollte, um Euch den Brief durch Gaertner zuzuschicken, da bekam Gaertner die Nachricht, daß Schiff, welches wir hofften, daß sich noch einige tage wermeilen würde in dieser nacht abgehn wolle, Ihr müßt mir es deßhalb entschuldigen, wenn ich Euch diesmal mit so kurzen Nachrichten abspese; ich habe noch zuviel Geschäftsangelegenheiten mit Gaertner zu besprechen, daß ich heute nicht mehr ans Schreiben denken kann; laßt Euch deßhalb von ihm tüchtig und ausführlich erzählen. Durch ihn sende ich Euch einige kleine Andenken, die Ihr freundlich annehmen und unter Euch

Itajahy, 24 de março de 1855

Meus queridos irmãos!

Fazem 14 dias que não saímos do alvoroço. No sábado, dia 10 de março, veio o Pastor Hölzel da Colônia Donna Francisca, a quem eu havia convidado anteriormente, para celebrar meu casamento. No dia 11 e 12 tivemos a festa da matança. No dia 13 nos comungamos, minha mulher e eu, a irmã da minha mulher e o marido, Gaertner e os dois Kellner. Inicialmente foi entoada uma canção, depois o Pastor nos proporcionou uma primorosa prédica. Foi um dia emocionante para mim e me sensibilizou muito. Há quase 5 anos foi a primeira vez que recebi a Santa Ceia sem vocês. Como queria ter tido vocês comigo nestes dias, e quanto pensei em vocês. Tive a sensação de que estavam aqui; muito me lembrei dos nossos pais, achando que o espírito deles olharia bondosamente por mim, dando a bênção para minha vida futura. Oh, como me senti divinamente feliz enquanto rezei fervorosamente pela memória de meus pais, prometendo guardar e seguir sempre o exemplo deles. Dia 14 de março foi o dia do casamento, que passou tranqüilo e alegre. Nos dias seguintes viajamos com o Pastor Hölzel para a Colônia Blumenau, escutamos uma forte prédica sobre o destino do homem e festejamos no outro dia o casamento dos Baumgarten. Assim passou o tempo em "dulci júbilo" e, quando eu queria entrar em mais detalhes, veio o Gaertner com a notícia de que o navio, cuja partida esperávamos que demorasse mais alguns dias, iria zarpar ainda naquela noite. Vocês precisam pois desculpar que as notícias que envio agora são curtas; eu ainda preciso acertar assuntos de negócio com o Gaertner, de forma que hoje não posso mais pensar em escrever. Permitam que o Gaertner lhes conte intensa e detalhadamente tudo. Por intermédio dele envio algumas lembranças que peço aceitar carinhosamente e repartir entre vocês. Coroazinhas de flores e um pequeno e engraçadinho papagaio, que estava destinado a Jettchen. Infelizmente não posso mandar tudo agora; assim seguem algumas pequenas lembranças doces do Brasil etc. que vocês devem degustar, pensando em mim.

vertheilen müßt. Blumenkränze, die ich in aller Eile gekauft habe, einen allerliebsten kleinen Papagei, den ich Jettchen zgedacht hatte, den ich leider jetzt nicht mitschicken kann; dann erfolgen einige süße Andenken an Brasilien etc., die Ihr Euch gut schmecken (lassen) und dabei meiner gedenken möget.

Recht, recht leid thut es mir, daß G's Abreise so schnell kommt, ich hätte gern noch so mancherlei Kleinigkeiten aus meiner Umgebung Euch zugeschickt, die Euch gewiß interessirt hätten; den kleinen Papagei schicke ich aber doch mit, und sollte es mich ungemein freuen, wenn derselbe lebendig ankäme; er hat mir soviel Spaß gemacht, war so zahm, daß er mich oft an meinem Arbeitstisch besuchte und sich auf meinen Kopf setze; ich haatte ihn schon lange und wird er Euch deßhalb recht lieb sein. Gleichfalls erhaltet Ihr durch Gaertner mein Album, welches ich Euch recht dringend bitte zu vervollständigen; ich habe mir aus diesem Buche in so mancher Stunde Trost geholt, daß ich es Euch dringend ans Herz lege, mir es ja pünktlich wiederzuschicken. Gern hätte ich Euch auch ein Bild von meiner Frau geschickt; es war aber in so schneller Zeit unmöglich. Anbei schicke ich dann noch als eine kleine Merkwürdigkeit die Schnüre von dem auf Blumenau's Beszung getödteten Bouger; sie tragen diese Schnüre um die Fußgelenke, wahrscheinlich um sich beim Springen dir Füße nicht so leicht zu verrenken. Ihr werdet das feste u. feine Geflecht daran bewundern. Pfeil und Bogen, die ihnen abgejagt wurden, werdet Ihr gleichfalls zu sehn bekommen.

Es ist schon spät in der Nacht, ich muß Euch deßhalb ein herzliches Lebewohl zurufen. Wie zufrieden und glücklich ich bin, laßt Euch nur durch Gaertner sagen, und wie könnte dies auch anders an der Seite einer so jungen lebenswürdigen Frau sein. Zum Schlusse mache ich Euch noch einige Bestellungen, die Ihr mir hoffentlich gern besorgen werdet. Das Geld dazu müßt Ihr, wenn Ihr wollt heißt es, wenn ich dort nichts mehr liegen habe, von dem Eurigen borgen, und ich schicke es Euch dann durch Ch. M. Schroeder in Hamburg zurück.. Es ist dies nun allerdings ziemlich viel; doch findet sich eine so gute Gelegenheit nie wieder, seht daher zu, daß Ihr es machen könnt.

Vor Allem mein dringendster Wunsch ist: Ein Fortepiano nebst einigen Noten; bei dem passendem Einkauf, wobei darauf zu achten



Sinto muitíssimo que a viagem de Gaertner tenha se dado tão rapidamente. Gostaria de mandar muitas coisas pequenas que nos cercam e possam interessar a vocês; o pequeno papagaio vou mandar mesmo assim eu ficaria contente se ele chegasse vivo; ele me deu muita alegria, é tão manso que me visitou muitas vezes na minha escrivania, e sentou-se na minha cabeça; tenho ele já há muito tempo e por isto vocês vão gostar dele. Da mesma forma vocês recebem pelo Gaertner meu álbum, que - peço a vocês para completar; em muitas horas tirei grande consolo deste livro que peço encarecidamente de me devolver prontamente. Gostaria de ter enviado também uma foto da minha mulher; mas foi impossível neste curto espaço de tempo. Anexo ainda, como pequena curiosidade um cordão de bugre que foi morto nas propriedades de Blumenau. Eles usam estes cordões no tornozelo provavelmente para não torcer os pés quando pulam. Vocês vão admirar também o firme mas lindo trançado do arco e flecha que perderam na perseguição.

Já são altas horas da noite e por isto preciso dizer-lhes um cordial adeus. Da minha satisfação e felicidade, Gaertner vai lhes falar. Também, não podia ser diferente ao lado de uma jovem e amável mulher. Para finalizar, quero fazer ainda algumas encomendas que vocês, por favor, arranjam para mim. O dinheiro vocês podem me emprestar, caso eu não tiver mais nada depositado. Eu devolvo-o por intermédio de Ch. M. Schroeder de Hamburgo. Sem dúvida vai ser muito, desta vez, mas não acharemos nunca mais uma tão boa oportunidade, por isto, vejam se conseguem realizar isto.

Meu pedido mais urgente é um piano-forte com algumas partituras. Para a compra bem acertada, observem que vai viajar para alémmar e peçam ajuda do Senhor Boehme, a quem envio cordiais saudações. É mesmo a música que mais me faz falta e isto vai me distrair muito. Se fizer a conta quanto dinheiro eu teria gasto em concertos etc, nestes 5 anos teria gasto muito mais do que aqui economizei. Não acharão injusto e luxuoso este pedido, ainda mais que os negócios aqui agora vão muito bem. Já que meu quartinho tem boa aparência, uma banquetta bordada pela minha senhorita sobrinha seria bem vinda e iria conservá-la com muita honra.

ist, daß es über See gehn soll, nehmt Ihr wohl Herr Böhme, den ich noch herzlich zu grüßen bitte, zu Hilfe. Es ist wohl die Musik das Schmerzlichste für mich, was ich entbehren muß, und wird mir dies Vieles ersetzen. Wenn ich rechne, daß ich dort viel Geld für Concerte etc. würde ausgegeben haben in den 5 Jahren, was ich hier sparte, so werdet Ihr diesen Wunsch nicht unbillig und luxuriös finden, zumal unsere Geschäfte jetzt sehr gut gehn. - Da es nun in meinem Stübchen schon sehr nett aussieht, so würde mir ein von den Fräulein Nichten gestickter Clavierstuhl sehr erwünscht kommen, den ich sicher sehr in Ehren halten würde.

Ein Stück baumwollenes, feines, weißes Zeug zu circa 2 Dtz.

Hemden für mich, dazu: 1 Stück feines Leinen zu Vorhemdchen und Kragen für diese Hemden.

Ein recht großes Plätteisen; etliche Pfunde Baumwolle zu meinen Strümpfen.

Zu 6 Fachfenster Glanzkattun zu Gardinen; aber echt, daß es hier von der starken Sonne nicht gebleicht wird.

Gleichfalls Glanzkattun zum Überzug eines Sophas.

2 Paar Porzellanleuchter nebst dazugehörigen Lichtscheeren.

Eßlöffel, Messer und Gabeln, die hier theuer und schlecht zu kaufen sind.

Einen großen Messingkessel für die Küche, 4-6 Eimer Wasser haltend.

Mehrere Stücke Kattun zu Hauskleidern für meine Frau.

Ein Stück groberes Halbleinein.

Zwirn, Seide, Zephyrwohle von verschiedenen Farben (Kannova).

Schnur zum Besetzen der Kleiner unten; Litze.

Einige gute weiße leinene Taschentücher für mich und meine Frau.

Nähnadeln, Stricknadeln.

Gestreiftes Schürzenzeug grobes zur Arbeit, feineres zum Hause.

Damit schließe ich nun, seht nun, wie weit das Geld reicht und besorgt mir es gut. Meine Frau hätte gern einige Zeilen hinzugefügt, sie ist aber noch mit dem Plätten G's Wäsche beschäftigt. Lebt recht wohl, und seid alle begrüßt von meiner Frau und mir.

Euer lieber Bruder

Franz.

Uma peça de algodão fino e branco para 2 dúzias de camisas para mim, junto com 1 peça de linho fino para peitilho e gola para estas camisas.

Um ferro bem grande de passar roupa e 1 meio-quilo de linha de algodão para minhas meias.

Para 6 janelas de divisória chita brilhante, mas de cor firme para não desbotar com o sol forte daqui.

E chita brilhante para forrar um sofá.

Dois pares de lustres de porcelana, junto com as tesouras de pavio.

Colheres, facas e garfos que aqui são caros e difíceis de comprar.

Um tacho grande de cobre para a cozinha, cabendo 4-6 litros.

Alguns cortes de chita para vestidos de casa para minha mulher.

Um pedaço de pano de linho.

Retrós, linha de seda, lã-sefira em várias cores (Kannova).

Sutach para enfeite de vestidos na barra e grega.

Alguns lenços brancos de linho para mim e minha mulher.

Agulhas de costura e agulhas de tricô.

Fazenda listrada para aventais de trabalho, e mais fino para usar em casa.

Com isto termino. Olhem até onde vai chegar o dinheiro e me comprem tudo. Minha mulher gostaria de ter escrito umas linhas também, mas ela está ocupada em passar a roupa do Gaertner. Passem bem e aceitem saudações de minha mulher e de seu querido irmão.

Franz

## **Autores Catarinenses**

- **Memórias**
- **Geraldo Luz**
- **Variadas**

Texto:

*ENÉAS  
ATHANAZIO\**



## **Memórias**

O escritor santista Nelson Salasar Marques deu início à publicação de suas memórias. O primeiro volume de suas “Imagens de um mundo submerso” (Editora da Universidade Católica de Santos - 1996) revela um homem vivido, sensível e culto, daqueles que prestam atenção à vida e, por isso, sabem viver, como dizia Gilberto Amado, de quem é grande estudioso.

Trecho dos mais curiosos do livro é aquele em que relembra a figura de frei Odorico Durieux nos tempos em que este exercia suas atividades na igreja do Valongo, em Santos, por volta de 1940. Dele o memorialista, criança na época, guardou a mais funda das impressões, dedicando-lhe palavras repletas de admiração.

“Naquele território – escreve ele – reinava incontestemente, o frei Odorico – a portuguesada o chamava de Fedrico. Frei Odorico, o grande pregador sacro da época. Já vi e ouvi muito orador de fama, homens que através do fogo da palavra chegavam a hipnotizar quem os ouvisse. Ouvi falar a um Carlos Lacerda, a um Pedro Calmon, a um Aliomar Baleeiro, a um Afonso Arinos em seu discurso “Renuncia, Homem”, a propósito de Getúlio Vargas, ouvi falar a um Oswaldo Aranha, e oh!, emoção das emoções, ao grande Vilaret, em Portugal... Mas digo uma coisa: em nenhum deles a palavra incandesceu tanto, penetrou tão fundo quanto àquele padre do Valongo, ali junto da estrada da inglesa. Ele aparecia subitamente num alto púlpito de mármore, sempre ao lado esquerdo de quem estava sentado, e começava a falar. Era uma figura impressionante de mobilidade e movimentos; er-

\*) Escritor e advogado.

guia os braços, em grandes gestos natatórios, e o seu dedo fulminante em forma de pistola disparava tiros certos sobre os fiéis. Eu era muito criança e não guardei o sentido de suas palavras, apenas o magnetismo daquela imagem visual que ele conseguia passar.” (p. 40)

Depois de comparações e considerações, assinala: “Mas a sua fama de grande pregador percorreu a Cidade e muitas pessoas vinham de longe só para assistir à missa do Valongo e entrar no campo magnético da magia verbal de frei Odorico” (p. 41)

Relata, em seguida, a visita de saudade que fez à Igreja do Valongo, quarenta anos mais tarde, calejado da vida, e diz: “Por dentro, tudo igual. Os velhos afrescos pintados e belos... e lá, à esquerda, o púlpito de mármore de onde frei Odorico encantava as multidões e assustava as crianças com o seu dedo em riste, um dedo ameaçador que nos perseguiu por muito tempo. Muita criança deixou de fazer muita besteira, de praticar muita peraltice por causa daquele dedo em riste, sempre presente.” (p. 42)

Poucas personalidades, ao longo do livro, mereceram tantos elogios como frei Odorico, evocado num momento glorioso de sua carreira, talvez ignorado ou esquecido por tantos que com ele cruzam sempre no vai-e-vém da vida.

### **Geraldo Luz**

Faleceu no último dia do ano passado o poeta Geraldo Luz, um dos mais expressivos nomes da poesia blumenauense. Pouco pude conviver com ele nos anos em que morei em Blumenau, período em que consumi meus dias enclausurado num cubículo do fórum. Mas li toda a poesia dele que me caiu nas mãos e guardo uma viva lembrança de seu inconformismo diante da invasão avassaladora da máquina que brutaliza o homem, afastando-o das coisas simples e belas da natureza, aquelas que realmente valem nesta vida. Embora um tanto tardia, fica aqui minha homenagem ao poeta com quem lamento não ter convivido mais.

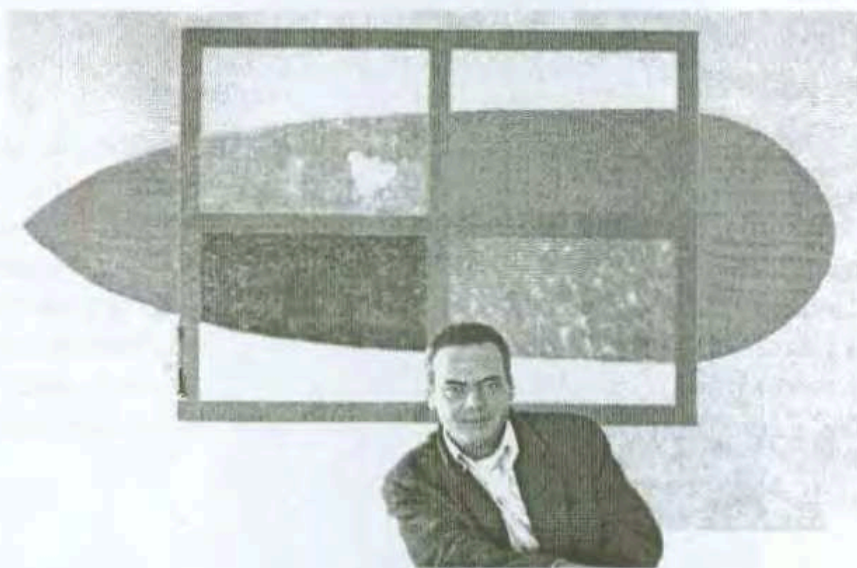
### **Variadas**

Merece leitura o romance “O Bruxo do Contestado”, de Godofredo de Oliveira Neto, publicado pela Nova Fronteira (Rio - 1996). O autor é blumenauense, doutorado pela Sorbonne e professor da UFRJ. \*\*\* O po-

## **Autores Catarinenses**

---

eta Catarinense Vicente Cechelero continua em grande atividade cultural em São Paulo. A revista "Poesia Sempre", editada pela Fundação Biblioteca Nacional, acaba de publicar três belos poemas inéditos de sua autoria. \*\*\* "Mallarmé e os Dicionários" é o primeiro título da Coleção Mapa, editado pelo Museu/Arquivo da poesia manuscrita, com a participação da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Trata-se de um ensaio de autoria do professor Wilson Martins. O Museu/Arquivo é dirigido por Iaponan Soares. (Endereço: Caixa Postal 12.204 - Cep. 88075-970 - Florianópolis). \*\*\* Teresinka Pereira, nossa embaixadora nos Estados Unidos, esteve no Brasil. Visitou Recife, Natal, Belo Horizonte e Ipatinga, mantendo contatos com o mundo cultural. Desta vez não veio a Santa Catarina. \*\*\* Quem produz sem cessar é o poeta Adair José de Aguiar. Seu mais recente poema, "Poema do Bosque", é excelente. \*\*\* Muito intensas, concorridas e divulgadas as comemorações alusivas aos trinta anos de arte do pintor Antonio Mir. Foi realizada exposição de suas pinturas recentes e lançado seu livro "Antonio Mir 1966-1996" em coquetel realizado no Viena Parque Hotel.



**Antônio Mir**

**Verbetes  
para a  
História  
Catarinense**

**Duas  
Blumenauen-  
sidades  
Desaparecidas**

Texto:

**THEOBALDO  
COSTA  
JAMUNDÁ\***



**1- "O descascar Laranjas"**

Intróito,

Foi atividade do tempo, no qual, existia o açúcar produzido em rústicos engenhos movidos por animais ou por queda d'água. Ainda durante a segunda Guerra Mundial (1939-1945) foram vistos em funcionamento na estrutura da acanhada agro-indústria de Blumenau de então. E todos cópias daquele que o Dr. Blumenau (1819-1899) fez vir para a sua Colônia com o proprietário chamado Andrade e sua família, lá de Camboriú, SC., e o viu instalado em lote rural, no "Ribeirão das Areias" ainda quando Indaial era incipiente localidade.

Nesses engenhos os grupos de vizinhança industrializavam a cana-de-açúcar e o aipim. Daí acontecer o "descascar laranja" para fazer o doce com o caldo da cana. A atividade envolvia as pessoas interessadas com o proprietário do engenho.

Estes engenhos desapareceram quando lei federal proibiu que produzissem açúcar. Quem foi voz saliente dizendo ser lei prejudicial ao produtor rural, foi o Dr. Wigand Pershun numa carta ao presidente da República, Dr. Getúlio Vargas. Daí o "descascar laranjas", ser blumenauensidade desaparecida.

**O Descascar Laranjas ("Der Orangenschälen")**

Costume ido, quase esquecido e já fora do testemunho da geração na adolescência. Registra-se no acervo de lembranças de teuto-brasileiros que dobram a esquina dos trinta anos: "nas safras de laranjas e de tangerinas (anotamos que tangerina também conhecida por bergamota e mexerica) era comum ajuntamento de pessoas nos galpões dos enge-

\*) Sócio emérito do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e Cadeira no. 5 da Academia Catarinense de Letras.

nhos da fabricação de açúcar. Tratava-se de reunião para descascar laranjas. O fim era fazer o doce chamado em alemão "Mus": purê do caldo-de-cana com frutas.

Nos tempos do acontecimento do "Orangenschälen" a fabricação do "Mus" se não era de laranjas era de tangerinas. Nos dias que correm faz-se com goiaba e banana, e misto de carambola com laranja.

O ajuntamento de pessoas para fazer "Mus" constituía uma atração para os adolescentes. O trabalho era alegre e regado com goles de *Kimmel* e de cachaça com o caldo-de-cana quente. A época fria do ano contribuía para o consumo das bebidas. A reunião era alegre, os adolescentes cantavam as canções populares aprendidas na escola alemã ou nos lares. Entre as canções haviam as que chegaram com os pioneiros do povoamento da região, provavelmente, algumas ainda da remotíssima coleção dos "Lieds" do Folk Germânico.

Entre as muitas lembram-se que cantavam as seguintes: (1) - *Heidenröslein*, (2) - *Am Brunnen Vor Dem Tore*, (3) - *Die Müllers Frau*, (4) - *Die Pflaume um Baume*, (5) - *Kommt ein Vogel Geflogen*, (6) - *Der Fassbinder*.

São canções já esquecidas por muitos e nem conhecidas por grande parte dos adolescentes desta geração. Anotamos ainda os seguintes nomes de canções: (7) - *Die Drei Lillien*, (8) - *Gold und Sieber*, (9) - *Annchen von Tharau*, (10) - *In Einem Kühlen Grunde*, (11) - *Ach, Wie Ist's Möglich Dann*.

Quando os cantos não divertiam ritmados pelos calores do quimel da fabricação caseira, os mais idosos contavam trechos de histórias que sabiam ou mesmo a história dos dias difíceis diante da mata com seus habitantes. Fosse pelo quimel animador, cantando ou ouvindo histórias, a grande animação, o grande motivo, era o baile que encerrava a reunião para descascar laranjas. O baile era apelidado de "Musball" o que queria dizer: baile-do-purê. Uma vez que "Mus" é um doce em ponto de purê. O baile era agradecimento do dono do engenho-de-açúcar, geralmente, o dono do "Mus".

"Der Orangenschälen" ou seja o acontecimento da reunião para descascar laranjas desde alguns anos passou para o acervo das lembranças. Já não acontece!

### 2 - Festa da Cumeeira (Die Richtfest)

Quando o madeiramento para colocar o telhado fica inteiramente armado é a oportunidade de fazer a Festa-de-cumeeira. Ramos e palmas são amarrados em várias partes salientes do madeiramento, os operários, quando menos, pedem cervejas comemorativas se o proprietário não deseja festejar





Theobaldo Costa Jamundá

com desafogo. Via de regra e praxe é seguir o costume regional: convidar os amigos e comemorar com churrascada succulenta a armação da cumeeira. Consta nos bastidores dos supersticiosos que a festa-da-cumeeira traz boa sorte.

Por outro lado consiste em motivo de exibição da vaidade e da satisfação de quem está construindo. Muito amigo das reuniões, com bebidas, o teuto-brasileiro mantém a sua “*Die Richtfest*” e mantendo-a mata dois coelhos com uma paulada: reúne-se com boa rodada de amigos para um churrasco, à sua maneira, e também conquista a boa sorte para a sua construção.

Embora a parte diversional seja importante na festa-da-cumeeira, percebe-se por outro lado que os construtores e os operários de construções civis não dispensam a folhagem amarrada nas saliências do madeiramento, especialmente, nas extremidades.

Indagados da finalidade respondem com precisão, sobre boatos que ouviram algures: “o dono da construção não quis comemorar a festa da cumeeira e, os operários também não deram a devida importância a praxe de, ao menos, pregarem um galho de árvore à cumeeira para espantar o espírito do mal. O resultado da indiferença não demorou: um operário caiu do madeiramento ao solo e perdeu a vida”.

Daí ser praticada a ornamentação com folhagem, anunciando que a construção chegou à cumeeira, mais por parte dos operários que mesmo do proprietário. Satisfação de crença. Garantem-se de modo imaginoso que estão livres das ciladas do mal, da infelicidade de um acidente ou defendidos contra o sortilégio.

A festa-da-cumeeira pode ser notada tanto nas áreas urbanas como nas rurais. A sofisticação da aludida festa é circunstância natural: já assistimos festa-da-cumeeira que foi aproveitada coleta de fundos financeiros para fim nobre; assim não é desvirtuamento no entender dos seus festejadores, que sirva também para solução político-partidária ou quejandas. Não é popular tomar-se

parte em uma delas que ocorra cerimônia particular com referências a cumeeira ou à colocação do telhado. A folhagem pregada lá em cima notifica na paisagem o festivo. Quem crê em bruxas entende que dali elas estão afastadas pelas palmas amarradas ou pregadas no madeiramento: quem não crê entende apenas que ali o churrasco e a cerveja vão reunir um punhado de amigos. A sofisticação corre portanto do grupo reunido pela finalidade de festejar a cumeeira.

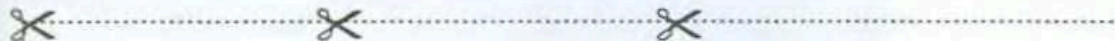
**NOTA:** Nas pesquisas e inquirições contamos com a cooperação espontânea dos interessados nas divulgações das coisas regionais, assim, colaboraram os teuto-brasileiros Marcus Rauth, Germano Brandes Jr., Nelson V. Gilsa, Helga Hemmer, Ruth Holetz, Ursula M. Kretzer e Ruth Jamundá (nata Odebrecht); os alemães Emil Schneider e Hans Schneider, o primeiro com a profissão em sua Pátria de jornalista e o segundo como professor de música e canto, nesta região catarinense.

O repertório do *Folk Teuto-Brasileiro* dos municípios de Ibirama, Timbó, Indaial e Blumenau, anotamos que entre os vocábulos sobressaem *Kuchen*, *Kimmel*, *Kesselholz*, *Flamri*, *Schwartsauer*, *Musball*, estes principalmente, tomavam presença ativa no acontecimento do *Orangenschälen*. O "*Shwartzsauer*" vem ser o mesmo que cabidela ou molho-pardo, o primeiro é corrente no nordeste e o segundo no sul; sua presença destacada vem ou chegava com o acontecimento do *Polterabend* (noite-do-barulho) justamente, na véspera do casamento. Para alimentar os convidados e que também contribuía nos preparativos da festança doméstica: o dia do casamento. Providenciavam alentados panelões de molho-pardo (*Schwartsauer*). Nos grupos em que a dominância de descendentes de pomeranos era maior encontrava-se ainda bem antes do dia do *Polterabend* um parente de um dos nubentes fazendo em versos os convites para o casamento. Era tratado por *Hochzeitsbitler*. Hoje já é raríssimo. Trataremos destes acontecimentos em artigo próximo.

Com outras blumenauensidades, estes foram publicados in *Boletim da Comissão Catarinense de Folclore*, Nº 22, ano VI, Janeiro de 1956, Florianópolis-SC.

Desejando receber números antigos, tomos completos, ou fazer nova assinatura / renovação, procure-nos. Abaixo informamos nossos preços:

- ) Assinatura Nova: R\$ 30,00 (anual=12 números)
- ) Renovação Assinatura: R\$ 20,00 (anual=12 números)
- ) Tomos anteriores (Encadernados com capa dura): R\$ 40,00
- ) Exemplos avulsos: R\$ 5,00 (Cada exemplar/número antigo)



Sim, desejo assinar a revista "Blumenau em Cadernos para o ano de 1997 (Tomo 38). Anexo a este cupom a quantia de R\$ .....,00 (..... reais) conforme opção de pagamento abaixo:



Forma de Pagamento:

- Vale Postal (Favor anexar fotocópia do comprovante para melhor identificação)
- Cheque  
Banco: .....  
Número: .....  
Valor: R\$ .....
- Dinheiro

**Dados do assinante:**

Nome: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

Bairro: \_\_\_\_\_ Caixa Postal: \_\_\_\_\_

CEP: \_\_\_\_\_ - \_\_\_\_\_ Fone p/ contato: \_\_\_\_\_

Cidade: \_\_\_\_\_ Estado: \_\_\_\_\_



.....

Assinatura

**Arquivo Histórico "José Ferreira da Silva"**

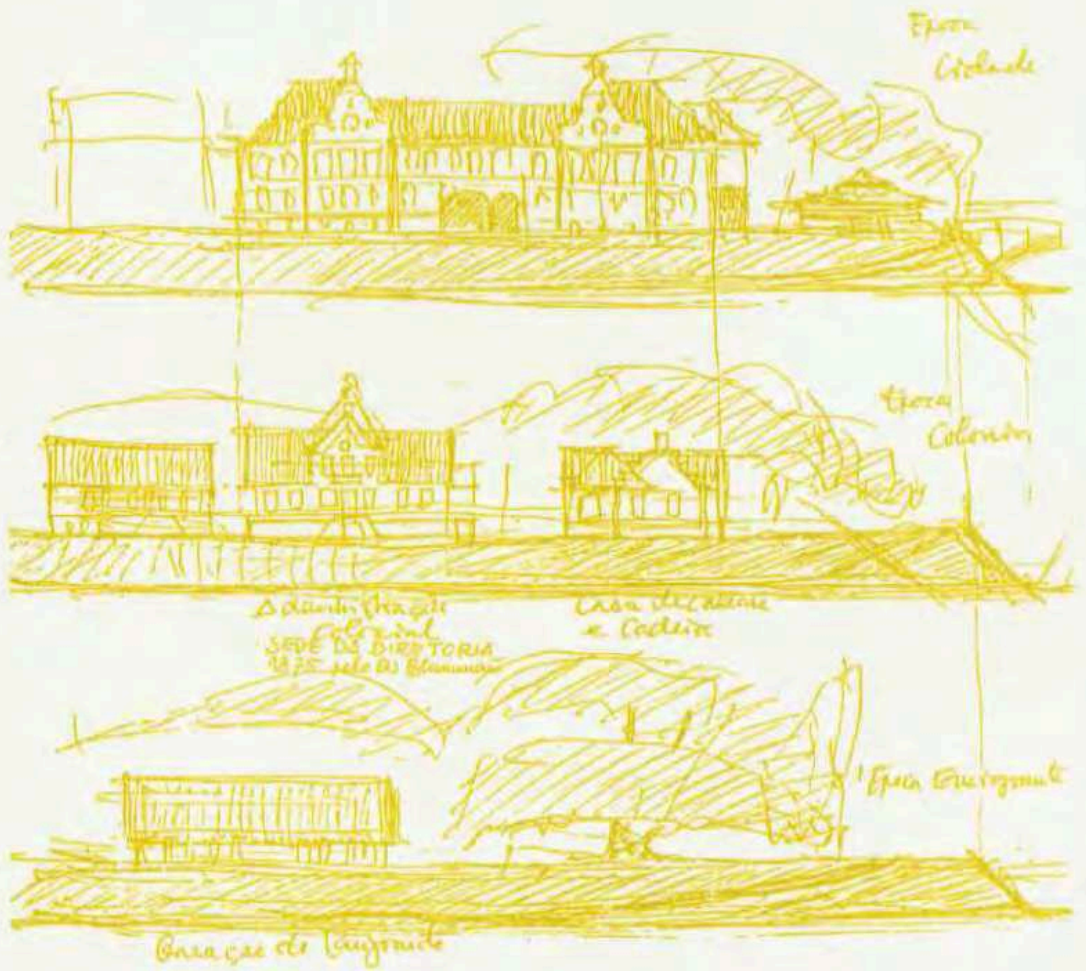
Caixa Postal: 425 - Fone: (047) 326-6990

Cep.: 89015-010 - Blumenau (SC)

**Apoio Cultural:**

- Aiga Barreto Mueller Hering
- Alfredo Luiz Baumgarten
- Altamiro Jaime Buerger
- Antônio Roberto Nascimento
- Ariano Buerger e Família
- Armando Luiz Medeiros
- **Auto Mecânica Alfredo Breitkopf S/A**
- Benjamim Margarida e Família
- Buschle & Lepper S/A
- Casa Flamingo Ltda
- Companhia Comercial Schrader
- Cooperhering
- **Cremer S/A Produtos Têxteis e Cirúrgicos**
- Curt Fiedler
- D. G. S. Factoring Fomento Comercial Ltda
- Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A
- Engepron - Engenharia, Projetos e Montagens Ltda
- Família Fouquet
- Genésio Deschamps
- Gráfica 43 S/A Ind. e Com.
- **Hering Têxtil**
- Herwig Shimizu Arquitetos Associados
- HOH Máquinas e Equipamentos Industriais Ltda
- Joalheria e Ótica Schwabe Ltda
- Lindner Arquitetura e Gerenciamento S/C Ltda
- M.J.T. Representações e Serviços Ltda
- Madeireira Odebrecht Ltda
- Nelson Vieira Pamplona
- Niels Deeke
- Padre Antonio Francisco Bohn
- Posto Hass Ltda
- Silvio Paulo Araldi, advogado, e família
- TEKA - Tecelagem Kuehnrich S/A
- Transformadores Mega Ltda
- UNIMED - Blumenau
- Victoria e Willy Sievert
- Waltec Eletro Eletrônica Ltda

A Prefeitura Antiga em sua qualidade de prédio público e cultural é um documento vivo do trabalho desenvolvido por essas gerações de fundadores alemães. Em consequência, os detalhes arquitetônicos e técnicos devem ser pesquisados cuidadosamente, adaptados e executados conforme o original e o espírito da época. O objetivo proposto - a reforma e reconstrução da Antiga Prefeitura - é criar para a cidade de Blumenau um *Centro Cultural* dentro de um contexto histórico fidedigno e autêntico. (Hans Broos - Arquiteto)



Desenhos de Hans Broos

